SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

SBHP

BOLETIM

UMA PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA SBHP

VOLUME 1 NÚMERO 2
DEZEMBRO DE 2018

SUMÁRIO

EDITORIAL

PALAVRA DO PRESIDENTE 1
Arthur Arruda Leal Ferreira

ARTIGOS

PARA UMA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA NA CRISE DA PSICOLOGIA: UMA VISÃO PIAGETIANA 4
Marc J. Ratcliff

PSICOLOGIA DO ESPORTE: ÁREA DE ATUAÇÃO PRECURSORA DA PSICOLOGIA NO BRASIL 30
Ricardo Marinho de Mello de Picoli
Cristianne de Almeida Carvalho

O PAPEL DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: NOTAS SOBRE A COLEÇÃO "CLÁSSICOS DA PSICOLOGIA" 36
Saulo de Freitas Araújo

ENCONTRO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA - EFHEP: BREVES NOTAS SOBRE O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO 40
Fernando Tavares Saraiva
Ana Clara de Paula Nazareth
Higor Sousa Paiva

RELATOS

6º ENCONTRO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA (EFHEP 6) E 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA (2º CBHP) 44
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

POR UMA TAXONOMIA DOS CONGRESSOS 51
Arthur Arruda Leal Ferreira

XIII ENCONTRO CLIO PSYCHÉ: LA HISTORIA CONTINÚA ... 55
Miguel Gallegos

ENTREVISTA

UM "PESQUISADOR DE EPISÓDIOS PASSADOS DA PSICOLOGIA NO BRASIL" : ENTREVISTA COM ROGÉRIO CENTOFANTI 60
Entrevistador: Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Dez 2018

PALAVRA DO PRESIDENTE

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

Em homenagem a Carlos Baum

Raramente a presidência atual toma a palavra entendendo que ela deve ser distribuída. É um princípio em ato que está vinculado ao entendimento de boa parte da atual diretoria de que nossa direção não representa, mas apresenta nossas diversas vozes por meio de relatos, apresentações de grupos de pesquisa, entrevistas e todos os formatos de texto que nosso boletim permite. Daí o boletim como figura de comunicação, de resto já usado por sociedades de longa data como a SEHP e a SBHC.

Antes de termos nossos GTs da Anpepp, e mesmo centros e grupos que organizam eventos de história da psicologia (como o CDPHA) foram produzidos muitos discursos no Brasil que, em registros diversos, com intenções variadas e em jogos históricos os mais plurais, inseriram os conceitos e as práticas psicológicas em traçados temporais e discussões diversas (políticas, filosóficas e epistemológicas). Igualmente saindo do eixo Sul-Sudeste podemos ver despontar alguns grupos novos ou de maior tradição que, em seus modos de trabalhar história (seus objetos, problemas e abordagens), ampliam nossas versões de história da psicologia.

Não estou seguro se temos um longo passado e história ou uma extensa produção distribuída pelas diversas regiões do país, mas entendemos que é fundamental conectar tendências, regiões, grupos diversos e modos plurais de se produzir história da psicologia. Esta ampliação de versões, que entendemos saudável para o campo, implica igualmente a atenção política e a busca de conexões com os novos pesquisadores e grupos de história da psicologia (além de alguns grupos mais antigos que tinham pouco destaque até agora).

Sem deixar de reconhecer o valor de pesquisadores, núcleos e centros mais consolidados que, ainda hoje permitem importantes conexões no campo, entendemos que uma sociedade que busque se renovar, tem que priorizar a sua relação com os jovens pesquisadores e grupos emergentes. Somos contrários a visões passadas que entendem os jovens pesquisadores como simples mão de obra a ser engajada hierarquicamente em grupos estabelecidos, e, por tal, entendemos que é fundamental neste esforço: 1) redistribuir o protagonismo no campo por meio da democratização das informações, partilhar os arquivos de pesquisa (do contrário tornaremos nossos personagens e instituições históricas cativos de centros específicos), 2) dinamizar as páginas da sociedade na internet e facebook, e 3) ter um boletim que, por meio de formatos variados, distribua vozes em modos diferentes das saturadas formas artigo ou capítulos de livro.

Conectar a diversidade é fundamental para liberar a história da psicologia do simples acúmulo de informações (risco a muito já lembrado por Nieztsche ao pensar a utilidade da história para a vida) em poucos espaços e promover novas apostas, abrindo espaço para produções cada vez mais originais e ousadas. É tudo isto que buscamos pela ampliação das atuais fontes de informação e projetos da SBHP (sem cortar os dispositivos anteriores). Ainda que nosso saber esteja voltado para produções passadas é crucial ampliar as possibilidades deste saber nos mundos que hão de vir. Especialmente aqui em Terra Brasilis.

Neste ponto, gostaria de destacar, em termos de homenagem, um exemplo bem-sucedido de políticas certeiras de renovação de campo, ainda que referido numa zona fronteiriça à da história da psicologia. Trata-se da curta, porém consistente trajetória do professor Carlos Baum da UFRGS, recentemente falecido. Tendo sido formado na graduação e no programa de pós-graduação em psicologia social desta universidade gaúcha, graças a um diálogo frutífero com pesquisadoras como Neuza Guareschi, Rosane Neves e (especialmente) Cleci Mareschini, Carlos rapidamente foi estimulado a uma participação protagonista em seu campo, sendo desde muito cedo proponente de grupos de trabalho na Abrapso e organizador de números especiais na Revista Polis e Psyché. O caráter consistente de seu trabalho pode ser acompanhado em sua tese de doutorado, *Políticas cognitivas: Negociação e performance entre psicologia e neurociências*, orientado por Cleci Mareschini e Maarten Drakster (em seu pós-doutorado em Groningen na Holanda). Apesar de seu trabalho haver sido reconhecido como vinculado ao Campo CTS, podemos reconhecer como de caráter histórico a sua abordagem de alguns dispositivos de Ciências Cognitivas. Que consigamos nos diversos grupos de história da psicologia, e, mesmo em nossa SBHP permitir proliferar a presença de novos pesquisadores e com igual alegria de vida e criatividade. Esta é a proposta em boa parte desta diretoria.

Dez 2018

PARA UMA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA NA CRISE DA PSICOLOGIA: UMA VISÃO PIAGETIANA

MARC J. RATCLIFF

TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO: ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO

APRESENTAÇÃO

Este texto foi apresentado durante o 6º Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia (EFHEP) junto do 2º Congresso Brasileiro de Psicologia. O autor o cedeu gentilmente para tradução e publicação no Boletim da SBHP.

Marc J. Ratcliff, cidadão britânico nascido em Genebra, estudou psicologia na universidade de sua cidade natal. Doutorou-se em Psicologia na mesma instituição em 1995 com uma tese sobre a noção de desenvolvimento da temporalidade na criança, com bases piagetianas. Em 2001 obteve seu segundo doutorado na University College London, na área de história das ciências com uma tese sobre o desenvolvimento dos microscópios no século XVIII. É professor de história da psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UniGe, além de colaborador científico dos Archives Jean Piaget, já tendo presidido a Associação de História das Ciências de Genebra e a Fondation Jean Piaget. Possui vários livros, capítulos de livros e artigos publicados. Em seu livro mais recente, publicado em 2016 pela editora do Museu de História Natural de Genebra, Genèse d'une découverte, la division des infusoires (1765-1766) [A gênese de uma descoberta, a divisão das diatomáceas], Marc Ratcliff retraça, a partir de fontes primárias e de uma metodologia microhistórica, a construção da descoberta da divisão das diatomáceas, um organismo microcelular. Um artigo seu já foi traduzido em português, Atalho analógico e reconstrução micro-histórica: as origens do laboratório de psicologia experimental de Genebra em 1892, acessível neste link: http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/673. Esperamos que a fala do professor Marc, traduzida para ser publicada neste número, suscite reflexões e seja do agrado dos leitores.

Na minha fala, primeiro vou discutir a história das crises e críticas na psicologia e ver como ela foi instrumentalizada pelos psicólogos contra outras linhagens psicológicas, para depois se tornar um gênero literário cuja função histórica era o uso de grandes narrativas como meio de atacar outras perspectivas; depois seguirei pela história das críticas e crises para passar então à classificação do criticismo feita por Teo (2005) e discutir a questão da relação entre ciência, psicologia e política. Depois, passarei para a atual crise de reprodutibilidade surgida depois do artigo de 2015[1] da *Open Science Collaboration*[2]. Aqui eu apontarei dois tipos de modelo de pesquisa, o tipo formal e o tipo pragmático, para depois apresentar a solução de

[1] Open Science Collaboration. (2015). Estimating the reproducibility of psychological science. Science, 349(6251), aac4716. Doi: 10.1126/science.aac4716. Ver também: http://science.sciencemag.org/content/349/6251/aac4716.full?ijkey=1xgFoCnpLswpk&keytype=ref&siteid=sci

[2] N. do T. De acordo com seu blog (http://osc.centerforopenscience.org/pages/about.html), trata-se de uma rede de pesquisadores, profissionais, cientistas cidadãos e outros que estão interessados numa ciência aberta e democrática, na metaciência e nas boas práticas do saber científico. A *Open Science Collaboration* é uma associação sem fins lucrativos com sede no estado da Virgínia, Estados Unidos e tem por missão fomentar a abertura, integridade e reprodutibilidade da ciência, de acordo com seu website (https://cos.io/).

Chris Green (2017) para a crise. Comentarei as vantagens da solução da Green, mas também analiso os problemas que ela traz. Entre esses problemas está a questão da pertinência de modelos teóricos em psicologia, que requerem conhecimentos ao mesmo tempo históricos e epistemológicos. Em seguida, apresentarei dois exemplos no campo da psicologia do desenvolvimento (número e competências iniciais), para apontar sua ausência de pertinência. Em minhas críticas, mostrarei que a solução está em buscar *expertise* na história da psicologia e da epistemologia. Como conclusão, afirmarei que os psicólogos devem trabalhar junto dos historiadores da psicologia e dos epistemólogos, que atuariam como especialistas de pertinência. Por fim, mostrarei até que ponto esta é uma solução inspirada no espírito piagetiano de rigor e inventividade.

I. Um olhar para a história da crise no século XX

A crise da psicologia historicamente determinada

A crise da psicologia é um clássico a-histórico na história da psicologia? Embora tenha acontecido muita discussão sobre a crítica da psicologia no século XIX, depois de Kant e especialmente no contexto germânico, com o surgimento do espiritismo nos anos 1850 e o nascimento do conceito de inconsciente, no mesmo período a psicologia metafísica foi fortemente desafiada pela psicologia fisiológica[3] e permitiu a proposição da unificação da psicologia como um corpo científico no final do século XIX, sob a influência, principalmente, das psicologias alemã, inglesa, francesa e americana. A questão emergiu antes da época de Wundt, mas foi menos uma crise e mais uma luta entre a nova psicologia experimental, orientada para práticas de laboratório, e a psicologia filosófica, que ensinava que a alma humana era uma substância imortal.

A passagem de controvérsias, lutas e embaraços teóricos entre os estudiosos para a designação de uma crise específica na psicologia foi historicamente determinada. De acordo com Annette Mülberger (2011), a crise da psicologia foi inventada por um filósofo alemão, Rudolf Willy, em 1897, que lutou contra a psicologia de Wundt e abriu uma fragmentação do campo. Uma década depois, foi adotado por um psicólogo russo que trabalhava na França, um discípulo

[3] N. do T. Este termo é também traduzido por psicologia experimental. Sobre a psicologia fisiológica ser a psicologia experimental, cf. GUNDLACH, H. A psicologia como ciência e como disciplina: o caso da Alemanha. Em: ARAÚJO, Saulo. **História e filosofia da psicologia**: perspectivas contemporâneas. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

de Pavlov e Bechterew. Em 1911, o psicofisiologista Nicolas Kostyleff publicou em francês *La crise de la psychologie expérimentale: présent et avenir* (A crise da psicologia experimental: presente e futuro, numa tradução livre) (Alcan 1911). Pensado especificamente para a disciplina experimental, não fez muito sucesso[4], mas foi traduzido para o espanhol no início dos anos vinte. Suas críticas não enfatizaram, como nas críticas posteriores, os perigos das medidas na eliminação das qualidades, mas sim sua configuração atomística. Ele enfatizou críticas que encontram um eco contemporâneo. Para ele, a psicologia experimental funcionava de forma aleatória: ela foi incapaz de reduzir seus resultados a um sistema de conhecimento, nem conseguiu apresentar resultados importantes. Segundo ele, a psicofísica, a psicologia fisiológica, a psicometria e suas similares seguiram caminhos que as levaram a lugar nenhum. De acordo com Kostyleff, o objeto da psicologia foi colocado estaticamente e o remédio contra a crise seria criar conceitos dinâmicos, e não estáticos. A reflexologia de Bechterew parecia a seus olhos como a única maneira de praticar a psicologia empírica, conduzida por uma teoria sistemática da hierarquia dos reflexos. Embora essa crítica tenha vindo do lado materialista - de acordo com Buchner, Marx e muitos fisiologistas de seu tempo, como Carl Vogt ou Alexander Herzen -, não é isso que é interessante no trabalho de Willy e Kostyleff. O que realmente importa aqui é que eles transformaram uma controvérsia entre diferentes escolas de psicologia em uma ferramenta retórica – "a crise da ..." - como uma acusação geral contra seus oponentes[5]. Em outras palavras, começando por Willy contra Wundt, Kostyleff criou um gênero literário que mais tarde se tornaria um sucesso.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o jovem Jean Piaget não discutiu a crise da psicologia, mas a crise dos valores e da ciência a partir de sua própria crise mística em seu livro *Recherche* (1918) que marcou o fim de seus próprios dogmas. Essa foi uma resposta a uma crise moral geral da sociedade e das ciências ligadas à guerra, mas não particularmente da psicologia.

O sucesso do gênero "crise na psicologia" como uma arma a ser usada contra os oponentes começou no período entre-guerras, após um momento notabilizado pelo estabelecimento do modelo de Wundt em Leipzig e o surgimento de novas tendências como o behaviorismo, a teoria da Gestalt, a testagem psicológica e teoria piagetiana. Especialmente no final da década

---

[4] Para uma resenha desta obra, ver Revue de Métaphysique et de Morale 19 (1):2-4 (1911).
[5] Annette Mülberger 2011 « Wundt contested: The first crisis declaration in psychology », Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences 43 (2012) 434–444

de 1920, a crise da psicologia se tornou muito usada. Em 1927 Karl Bühler escreveu *Die Krise der Psychologie* e propôs uma solução da crise através da linguagem. Enquanto isso, no mesmo ano, Kurt Lewin e, dois anos depois (1929), Vygotsky escreveram artigos sobre a crise, onde questionam seu significado. Ao mesmo tempo, em 1928, Georges Politzer[6] deu sua própria versão da crise. Ele também vinha de uma tradição materialista, mas foi fortemente influenciado pela psicanálise e por Watson, fornecendo uma versão niilista da psicologia com críticas destrutivas (p. 8). Ele propôs um modelo hierárquico da ciência em que em cada passo da matemática em direção à psicologia implicaria um declínio na ciência. Politzer elogiou Watson por eliminar as substâncias (alma, faculdade) da psicologia, mas criticou seus herdeiros. Para ele, o objeto da psicologia era o drama humano narrado pelos atores, sob a influência da psicanálise: o gesto iluminado pela narração humana deveria ser considerado o principal fato psicológico[7].

A crise social dos anos 1930

Durante a década de 1930, a crise de Wall Street e a ascensão de ditaduras no Ocidente levaram muitos estudiosos a refletirem sobre uma crise geral nos valores e na civilização, e não apenas sobre a crise da ciência ou da psicologia. No entanto, muitos deles analisaram a crise em termos psicológicos: o ensaísta Denis de Rougemont considerou a "mão guiada"[8] como solução contra a crise, e o historiador Huizinga escreveu *Homo Ludens*[9] em 1938 e considerou o jogo e os comportamentos infantis da sociedade de massa como as características mais importantes da crise da civilização. Horkeimer e Adorno consideraram que a própria razão era um instrumento ambíguo, enquanto Husserl, por outro lado, lutava contra a psicologia para substituí-la pela abordagem fenomenológica. Outros psicólogos discutiram a crise da sociedade e da civilização oferecendo para ela modelos psicológicos, como Freud em O Mal Estar na Civilização, de 1929, que enfatizava a neurose da humanidade e a restrição da sociedade de massa aos indivíduos, ou Claparède com seu livro Moral e Política (1940), ou ainda a psicanalista

[6] Fabiani, Jean-Louis, 2015. Qu'est-ce qu'un philosophe français ?: La vie sociale des concepts (1880-1980), « schèmes guerriers mis au point par Nizan et Politzer durant l'entre deux-guerre » p. 155.
[7] Poltizer 1928, 115.
[8] N. do T. Em sua obra "Penser avec les mains" (Pensar com as mãos), de 1936, Rougemont diferencia os pensadores, intelectuais, escritores e outros artistas que são capazes de apenas registrar e outros são capazes de criar, sendo estes os "cérebros sem mãos", que observam e analisam de longe a multidão de "mãos sem cérebro" que habitam o mundo. A proposta de Rougemont é um pensar ativo, um pensar com as mãos, que representam um engajamento total da pessoa no ato criador.
[9] N. do T. No Brasil, a obra foi publicada pela Editora Perspectiva, em várias reedições e reimpressões.

Karen Horney com seu popular livro A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo, de 1937. Piaget, de maneira muito mais discreta, acrescentou sua própria versão da crise com O Juízo Moral na Criança, de 1932, que era uma ferramenta para entender a autoridade na sociedade como um fator psicológico que levava a crenças irreais e crises. Piaget participou do debate sobre a crise da civilização tentando ser o mais objetivo e factual possível, como era de seu feitio.

Segunda metade do século XX

No período pós-guerra, os acadêmicos estavam muito mais interessados na reconstrução da psicologia, das redes e instituições do que em sua crítica, ainda mais porque, no contexto da Guerra Fria, o programa Sputnik gerou um programa americano de educação como resposta aos avanços soviéticos no campo da ciência[10]. A psicologia do desenvolvimento assumiu um importante papel, especialmente através do "sonho americano" de acelerar o desenvolvimento infantil e criar super-homens desde a infância. Como podemos ver, isso tem muito mais a ver com mitologias da psicologia do que com suas críticas. Voltando ao tema da crise e suas críticas, com exceção das críticas de Foucault no História da Loucura, há poucas análises contra a psicologia antes dos anos setenta. Foi no maio de 68 e sua estrutura geral de contestação de todas as formas de autoridade que levaram à produção de muitas críticas por uma série de autores, vindos principalmente da Alemanha após o impulso de Holzkamp (*Kritische Psychologie*, 1972), Bruder, Steinmar Kvale na Dinamarca e Jan Parker no Reino Unido. Parker e Holzkamp foram os mais prolíficos destes autores e suas obras inspiraram uma tendência geral chamada Psicologia Crítica. Orientados, principalmente, pelo marxismo e, de alguma forma, pelo feminismo, abriram alternativas metodológicas, como os métodos qualitativos que eles encorajaram e ajudaram a circular. Aos seus olhos, "a psicologia burguesa" precisava de uma crítica radical que só a Psicologia Crítica poderia proporcionar. O discurso era, evidentemente, politicamente orientado e, em certo sentido, essa tendência ecoou no programa CTS, ou ainda o Programa Forte aplicado na psicologia, inclusive por psicólogos. Muitos autores contribuíram para essa tendência, entre os quais Henriques (*Changing the subject*, 1984), Erika Burman, John Broughton, Edmund Sullivan, Fox, Prilleltensky, etc., cujas tendências também se

[10] N. do T. Sobre este assunto, cf. HEROLD, Jeffrey. Sputnik in American education: a history and reappraisal. **McGill Journal of Education/Revue des sciences de l'éducation de McGill**, v. 9, n. 002, 1974.

relacionavam com a pesquisa-ação porque esses psicólogos queriam mudar práticas e representações na área e da sociedade, e não apenas para discutir ou experimentar. Certos estudiosos, como Russell Jacoby, nos EUA, com sua Social Amnesia (1975), que era crítico em relação à cultura acadêmica, levaram os estudiosos a lidar com vários problemas que geralmente envolviam ciência, política, poder e ideologia. Ian Parker (1984) também escreveu sobre a crise da psicologia social. Progressivamente, as críticas avançaram para tópicos mais específicos ou especializados, por exemplo, a situação acadêmica da psicologia na França (Jalley, 1991), a ideologia da mensuração (Michell, 1999) ou, mais recentemente, a crise na profissão (Kagan, 2012).

Em suma, falar de crise na psicologia foi historicamente inventado na virada do século por um filósofo alemão como uma arma contra a psicologia experimental de Wundt, então adotada por Kostyleff para criticar as diferentes maneiras de praticar a psicologia, quaisquer que fossem seus métodos e teorias. Tornou-se um gênero de sucesso em primeiro lugar no final dos anos 1920, depois de novo após grande crise da sociedade em 68. Agora passo para uma forma mais sistemática de lidar com as críticas da psicologia que vem dos trabalhos de T. Teo.

Classificando o criticismo: política na ciência?

Teo apresentou uma interpretação construtiva das críticas à psicologia mais do que a sua crise em seu livro publicado em 2005, *The criticism of psychology: from Kant to neocolonial theory* (A crítica da psicologia: de Kant à teoria neocolonial). Na verdade, é um livro sobre a história da crítica à psicologia, onde Teo mostra que as críticas da psicologia são uma característica permanente da disciplina onde quer que esteja, embora mostre especificidades importantes como, por exemplo, o debate alemão durante o século dezenove. Teo também oferece uma tipologia da crítica, que abrange dois séculos de história das críticas até o início do século XX. Ele distingue seis formas principais de crítica à psicologia: científico-naturalista, humanista, marxista, feminista, pós-moderna e pós-colonial. Não vou entrar nos detalhes desta classificação nem verificar se Husserl ou a psicanálise são mais ou menos humanistas, ou nem isso.

Como se pode imaginar, no modelo de Teo há uma importante reflexão sobre a relação entre ciência e política, e minha afirmação em relação a esse tipo de categorização é que a questão é mais complexa do que dividir ciência e política no intuito de torná-las entidades. Como Piaget colocou, a única realidade para uma abordagem científica é pensar em termos de

processos, gênese e estruturas. Tomo o exemplo clássico das críticas contra Galton como o exemplo da eugenia: Teo afirma o seguinte (p. 188): “Mesmo as estatísticas de Galton emergiram de uma agenda política da eugenia, do colonialismo e do racismo”; e, após a investigação de Rose (1985), variações dessa ideia podem ser encontradas em muitos outros autores, entre os quais Erika Burman (2012, p. 408): "Galton (primo de Darwin), Pearson et Spearman. Esses arquitetos da psicologia quantitativa também eram defensores da eugenia". Como consequência, deduziremos que todas as abordagens quantitativas em psicologia são orientadas politicamente no racismo? No nível de generalidade deste raciocínio, esquecemos quais são as consequências epistemológicas: dizer que o trabalho de Galton é totalmente racista, mais que político, é esquecer que em toda pesquisa é possível dissociar os meios dos objetivos/escopo: o escopo era totalmente racista, não há dúvidas disso. Mas e quanto aos meios, ao uso da estatística? Se dissermos que uma curva gaussiana é apenas um objeto político - negativo -, então fazemos uma forte escolha política, que pode ser resumida entre escolher a abordagem individual contra a abordagem populacional. É claro que existem alguns estudiosos que fizeram essa escolha e, especialmente, a psicologia crítica marxista, depois de Ian Parker e Kvale.

Aqui a questão torna-se perguntar se é possível dissociar a política da psicologia e, de modo mais amplo, da ciência. Sobre isso, deve-se mencionar outros fenômenos historicamente determinados, que ultrapassaram a ciência humana - da história das ciências à sociologia das ciências, passando pela psicologia crítica em suas diversas formas. Misturar ciência e política era uma verdadeira moda dos anos setenta em diante, assim como uma agenda de pesquisa definida por alguns acadêmicos influenciados por Michel Foucault, Jurgen Habermas, Ivan Illich, Herbert Marcuse, Louis Althusser, Pierre Bourdieu e muitos estudiosos europeus dos anos sessenta. Estes fizeram companhia a muitos outros, como Shapin e Schaffer, Latour e Woolgar, e, em psicologia, Parker e os autores já citados. Uma das consequências dessa moda foi o reaparecimento do criacionismo, já que o relativismo da sociologia das ciências tornava todos os discursos iguais. Mas a sorte muda de lado, especialmente quando a estaca se torna mais importante que o simples discurso, como no caso das mudanças climáticas e o consequente futuro da humanidade. Nos dias de hoje, o fato de o presidente dos EUA, sendo um puro produto do capitalismo, desafiar a legitimidade científica, fez com que as vozes que proclamavam que ciência é política curiosamente se calassem. Não que a ciência não tenha nada a ver com política, mas as coisas não são tão simples e há necessidade de reflexão epistemológica.

II. Uma questão contemporânea: a crise da reprodutibilidade

O momento 2015

Vimos como a psicologia crítica se considerava uma profunda revolução de práticas e discursos psicológicos, enquanto se recusava a institucionalizar-se, ou "pertencer ao sistema", mais ou menos como os partidos ecológicos na Europa antes dos anos noventa. No entanto, esta orientação admitiu seu fracasso em 2015, após as palavras de Parker em *Psychology after the crisis* (Psicologia após a crise): embora tenha originado novas metodologias e conceitos, "a 'revolução paradigmática', que supostamente afastaria a psicologia de ser uma ciência preocupada com a quantificação do comportamento para uma ciência que leva em conta as pessoas resultou, por causa da forma como elas agiram, em fracasso"[11]. Agora, é uma ironia da história que, no mesmo ano em que Parker jogou a toalha sobre o impacto da psicologia crítica, uma crise nova e original surge do interior da própria pesquisa psicológica.

Em 2015, a *Open Science Collaboration*, uma comunidade de pesquisadores em psicologia experimental, publicou um artigo que causou um forte e ainda importante debate na psicologia. Ela mostrou que, dos cem experimentos mais conhecidos em psicologia, apenas um terço (36%) era replicável, e com efeito menor que o previsto. Eles mostraram que os efeitos da psicologia social eram ainda menos reprodutíveis (a metade) que os da psicologia cognitiva. A *Open Science Collaboration* atribuiu a crise, dentre outros fatores, à pressão de publicação nas comunidades psicológicas, que fazem os autores publicar qualquer coisa que tenha um valor-p significativo. Esta é uma mudança importante na natureza da crise. De fato, embora as vozes contra a caça ao valor-p (ver, por exemplo, Neuroskeptic 2012[12]) e a pressão gerada pela situação de publicar ou perecer (ver Lubeck 1980[13]) existissem há muito tempo, parece que é a primeira vez que vozes críticas empregam as mesmas ferramentas dos psicólogos tradicionais. A *Open Science Collaboration* usou da reprodutibilidade, da metodologia, da estatística e das boas práticas da psicologia tradicional. Não se tratava, portanto, de críticas ideológicas baseadas no discurso marxista, psicanalítico, feminista, de gênero, pós-colonial ou de outra natureza, mas uma forte crítica do interior mesmo desta psicologia experimental. Em outras palavras, a crise

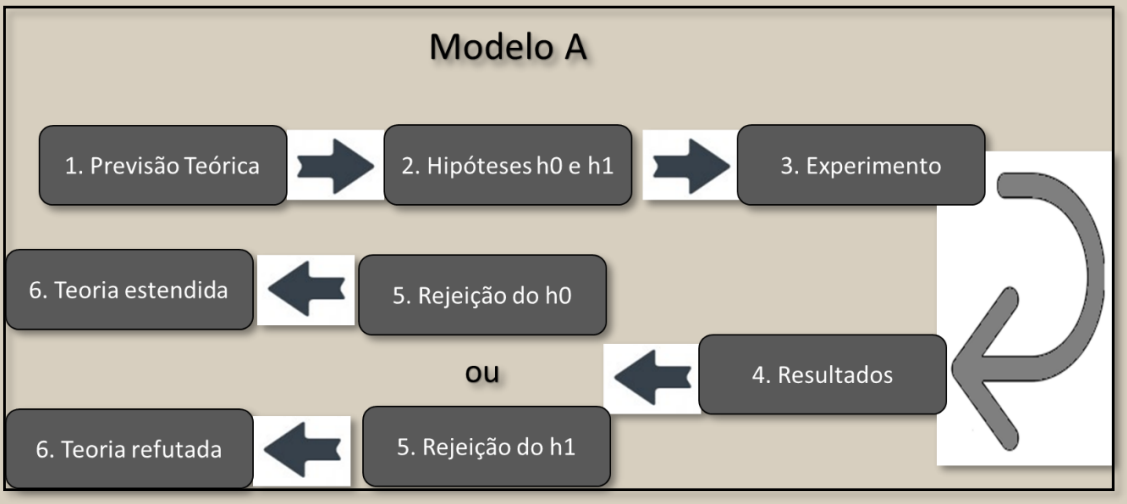
---

[11] Parker 2015 Psychology after the crisis. Scientific paradigms and political debate.
[12] Neuroskeptic (2012). 'The Nine Circles of Scientific Hell', Perspectives on Psychological Science 7(6) 643–644.
[13] Lubek, I. (1980) 'The psychological establishment: Pressures to preserve paradigms, publish rather than perish, win funds and influence students', in K. Larsen (ed.) Social Psychology: Crisis or Failure? Monmouth, OR: Institute for Theoretical History.

de que falaram não era, como anteriormente "a crise do outro", é agora "a nossa crise". Eles pegaram algo que dizia respeito à realidade das práticas em psicologia e fizeram as pessoas se tornarem mais céticas quanto à pretensa autoridade do conhecimento psicológico. Isso mudou a natureza da crise e gerou muitas reações, como a de Hugo Vezzetti na Argentina[14]. Tentarei agora formalizar os modelos de pesquisa científica psicológica que estão em jogo.

Modelos de pesquisa em psicologia

Acredita-se atualmente que uma pesquisa em psicologia deva funcionar mais ou menos de acordo com o seguinte modelo A.

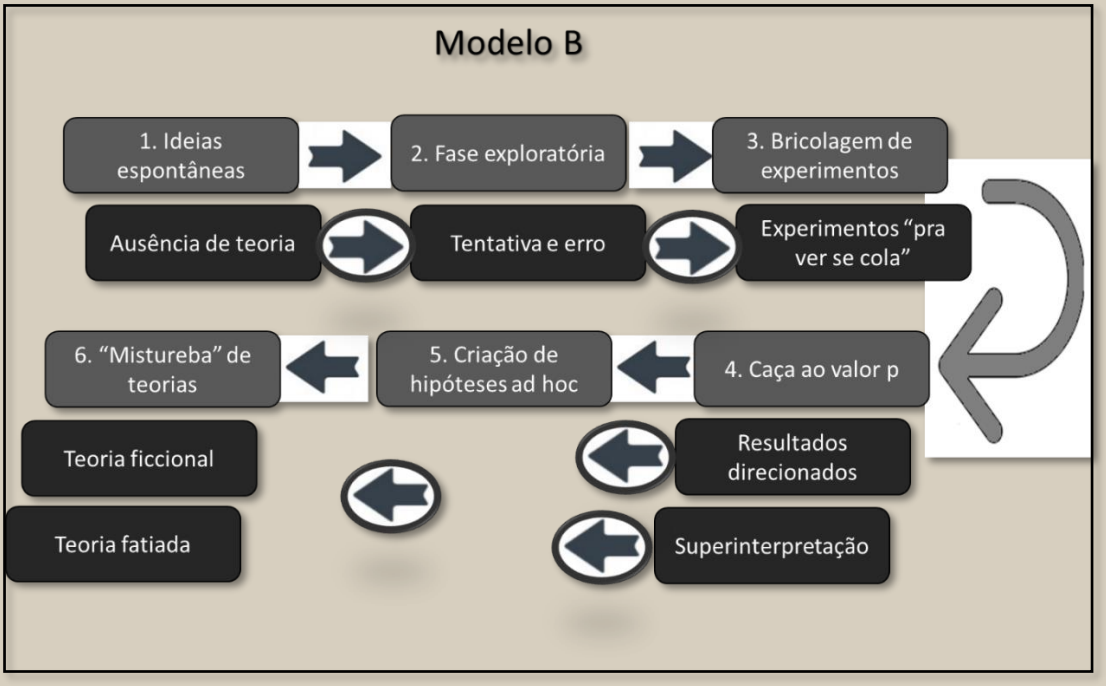


Tratamos aqui de um modelo A segundo o qual se espera que os experimentos sejam reprodutíveis. Assim se abarca proposição popperiana de refutabilidade, com um aspecto de estender a teoria quando h0 é rejeitado - que é a situação normal no caso de um valor-p significativo.

Mas, sob a pressão de publicar mais e mais, devemos mudar o modelo, pois há uma pressão implícita da comunidade de pesquisadores que cria uma exigência de busca do valor-p significativo. Assim, os estudiosos buscam hipóteses *ad hoc* e praticam a caça ao valor-p. Portanto, devemos usar um outro modelo B para descrever essa situação:

---

[14] My thanks to Ramiro Tau for this reference and other insights.



Neste último caso, é claro que esses experimentos não são reproduzíveis, porque:

→ ou há resultados direcionados e, portanto, a teoria é totalmente contingente,

→ ou há caça ao valor-p e a teoria realmente aumenta o fatiamento do conhecimento psicológico e o aspecto atomístico da pesquisa (ver Walsh-Bower 2010 sobre fragmentação da psicologia[15]): psicólogos desenvolvem teorias fragmentadas sem nenhuma ligação com uma teoria maior. Como consequência, há um aumento do fatiamento - o que não deve ser confundido com especialização – no lugar da busca de uma unidade mais sintética, o que permitiria o avanço para uma ciência paradigmática,

→ pode resultar em teoria mistureba, sempre grosseiras, dando à língua vernácula e ao conhecimento o status do conhecimento científico porque "foi provado".

Vamos analisar mais de perto as etapas dos dois modelos de pesquisa. As partes 3 a 4 estão relacionadas a experimentos e à produção de resultados, elas exigem metodologias e procedimentos estatísticos sobre os quais muitos estudiosos da comunidade chegaram a um

[15] Walsh-Bower, « Some social-historical issues underlying psychology's fragmentation », New Ideas in Psychology 28 (2010) 244–252

consenso. As partes 1 a 3 e 4 a 6 permitem diferenciar o tipo de conteúdo psicológico e, em seguida, qual subárea da psicologia, que tem pouco consenso.

Qual é a diferença entre os dois modelos?

O primeiro modelo, o A, é um modelo formal apresentado pelos psicólogos como uma ferramenta tanto didática quanto ideal, pensada para ser uma cópia da realidade da pesquisa. Mas na verdade é inspirado em um protocolo meramente retórico, que corresponde aos padrões de escrita da APA, e que Charles Bazreman (1987[16]) caracterizou como uma retórica behaviorista. Em outras palavras, essa trajetória de pesquisa é orientada por um processo de escrita.

O segundo é um modelo pragmático inspirado na Sociologia da Ciência e na pesquisa da Open Science Collaboration. Evidentemente, nunca é reconhecido como tal porque corresponde à pragmática da pesquisa em um ambiente acadêmico competitivo marcado pela exigência de publicar ou perecer.

A pesquisa de Cris Green (2017)[17] *e a solução de compartilhamento de hipóteses*

Antes da publicação da pesquisa da Open Science Collaboration os pesquisadores não permaneceram paradas diante desta situação, então alguns deles propuseram soluções inovadoras: agora vou discutir a recente solução de Chris Green para a crise da reprodutibilidade. Em 2017, Green deu uma palestra na Suíça sobre "A credibilidade da psicologia está à beira do colapso?"[18] e propôs uma solução engenhosa cujo objetivo era romper as más práticas com a estatística, dentre elas a caça ao valor na pesquisa psicológica. Ela baseava-se em quatro princípios, que são:

1. Tomar o Modelo A como a boa forma de fazer pesquisa psicológica;

2. Parar de desqualificar resultados negativos (rejeição de h1) para dar-lhes um valor-positivo dentro da comunidade científica e nas redes de divulgação;

---

[16] Bazerman, Charles 1989. « The APA Publication manulal as a behaviourist Rethoric », in Bazerman Shaping Written Knowledge: The Genre and activity of the Experimental Article in Science, Madison: University of Wisconsin Press.
[17] https://www.researchgate.net/project/Is-Psychologys-Credibility-on-the-Verge-of-Collapse
[18] https://www.ssp-sgp2017.ch/program.aspx

3. Pré-inscrever toda a pesquisa experimental em um gigantesco banco de informações antes que fosse executada, onde a teoria T e as hipóteses h0 e h1 seriam claramente anunciadas, juntamente com os meios metodológicos e estatísticos utilizados.

4. Publicar os resultados, inclusive dando à comunidade acesso aos bancos de dados para permitir a reprodução dos experimentos. Tecnicamente, seria uma plataforma de internet que gerenciaria os fluxos de pesquisa.

Onde a solução de Green poderia levar

A solução da Green é bastante inteligente e engenhosa. Na verdade, ele aborda a questão da caça ao valor-p quebrando-a em seu núcleo: a caça ao p baseia-se na ignorância da comunidade sobre as bricolagens feitas pelos pesquisadores assim, se os estudiosos anunciam publicamente uma teoria e suas hipóteses antes de conduzir os experimentos – tendo a garantia da publicação dos resultados - , ele ou ela não precisará procurar por um valor-p significativo. Também salvaria o modelo formal A, isto é, o modelo considerado o ideal de boas práticas em pesquisa psicológica.

Assim, a solução de Green é inteligente e permite que o sistema de divulgação continue funcionando porque transfere a autoridade do processo de publicação de uma medida estatística (o valor-p significativo) para um contrato mais humano que restaura a confiança dentro da comunidade: trata-se um acordo entre o acadêmico e a comunidade acadêmica sobre um projeto de pesquisa.

No entanto, esta solução cria novos problemas. Primeiro e mais importante, a psicologia se tornará o receptáculo de resultados negativos: por qual milagre os psicólogos, dos quais os dois terços da pesquisa não são reproduzíveis, serão transformados em teóricos interessantes, já que a cultura de pesquisa em psicologia ignora a história e a epistemologia?

Outro problema é a possibilidade de fazer revisão por pares. Qual é o papel dos especialistas em revisão por pares se já existe uma garantia de publicação quando um projeto é anunciado? A única função dos revisores externos seria garantir que cada etapa do modelo A fosse respeitada, convertendo-a numa função de controle, e não mais uma revisão por pares.

Além disso, essa solução se abre para um obstáculo de cunho epistemológico: não vejo como poderíamos deduzir de centenas de teorias erradas sequer uma teoria verdadeira. Podemos

ir além e dizer que a psicologia se tornaria assim uma ciência de resultados de pesquisa que deram errado. Seria divertido publicar o Manual de teorias psicológicas erradas, mas não sabemos se haveriam leitores disso. Ademais, além do risco editorial de não termos mais leitores, a preocupação científica ficaria em segundo plano.

Vou sintetizar isso com um *slogan*: ainda estamos no período do publicar ou perecer; ninguém se atreve a dizer publicamente que várias - ou muitas – das coisas que estão publicadas é lixo. Mas, se seguirmos a solução de Green, entraríamos no período caracterizado por um novo lema: "Publicar porcaria ou perecer".

III. Rumo a uma nova maneira - piagetiana - de praticar pesquisa psicológica

Valor-p ou pertinência? Contra uma epistemologia cega

Parto agora em direção à minha tese, que diz respeito ao uso do espírito e visão do pensamento piagetiano contra a crise. Um dos grandes mitos da psicologia é o valor-p significativo. O que isso realmente significa? De acordo com o que acabei de dizer, acima de tudo, um p significativo implica no direito de publicar um artigo, porque faz implicitamente as pessoas acreditarem que usamos o modelo formal A. Ele também abre as portas para a chamada carreira científica, é bom para a pretensão de pertencer a uma comunidade de pesquisa científica. Agora, mais internamente qual é o mito em torno do valor-p e seu significado? O valor-p está no centro da pesquisa científica porque oferece uma garantia de validação dos resultados que podem circunscritos pelo modelo popperiano de refutabilidade, bem como pelo modelo A, também eivado de refutabilidade. Esta é uma crença compartilhada na comunidade, exceto pelos psicólogos críticos e pelos habitantes da pesquisa qualitativa.

O que eu afirmo é que a questão está em outro lugar e se assemelha a uma OGMisação[19] da pesquisa psicológica. E o que é a OGMisação de pesquisa psicológica? É uma combinação artificial teorias fragmentadas – ou seja, não ligadas a uma estrutura maior -, geralmente utilizando teoria mistureba e algum autor com peso de autoridade, fazendo com que o trabalho seja publicado em uma revista, aumentando o fatiamento da psicologia, no lugar da geração de um

[19] N. do T. de Organismo Geneticamente Modificado. A metáfora utilizada pelo autor se baseia no procedimento científico de criação de tais organismos, que utiliza trechos de DNA de diferentes espécies, principalmente bactérias, para modificar a estrutura original do organismo, para atingir os objetivos dos pesquisadores.

conhecimento mais sintético. A OGMisação é diferente da especialização. Também se refere à apropriação por um autor de um conhecimento atomístico, criando e colocado um rótulo de novo num fato científico já conhecido, porém esquecido. Geralmente está ausente nas referências qualquer conhecimento passado, valendo-se assim da ignorância compartilhada. A noção de OGMisação não é somente analítica, mas também artificial, fragmentada e não cumulativa. A solução de Green teria provavelmente a consequência de diminuir a quantidade de pesquisas "geneticamente modificadas". Mas, como eu disse, essa solução tende a eliminar conhecimentos que não envolvam o controle metodológico, o controle estatístico e a reprodução experimental.

Prieto, um linguista, definiu um critério fundamental para a pesquisa em ciências humanas utilizando noção de pertinência - relevância. No entanto, a pertinência não está relacionada às fases 3 a 4 do modelo, mas pertence às fases 1-3 e 4-6. O que eu afirmo é que o cerne da crise psicológica está no desequilíbrio entre os meios metodológicos de produção (fases 3 a 4) e os aspectos pertinentes da pesquisa (fases 1-2 e 4-5-6).

Agora a questão é como criar mais pertinência? A solução está em voltar-se tanto para a história quanto para a epistemologia, e dar-lhes um papel fundamental na execução das etapas pertinentes.

É claro que podemos permanecer na epistemologia cega contemporânea, que está na origem da crise, e gerar conhecimento OGMisado. A epistemologia cega baseia-se em uma única crença, a popperização do fato - independentemente de qualquer tipo de reflexão sobre pertinência, pensamento histórico e reflexão epistemológica. Fica clara a consequência disso: os fatos são transformados em unidades atomísticas, e o conhecimento fica fatiado e OGMisado. E isso ainda combina com estereótipos.

A utilidade dos estereótipos

Estereótipos são muito úteis em um sistema de produção de artigos delirantes guiados por uma epistemologia cega: eles substituem o longo período de leitura e maturação do entendimento de uma teoria. Mas eles também servem como um tipo de prova falsa onde a fama dos autores citados leva à crença de que se sabe o que está sendo dito numa pesquisa. Como podemos ver, também é uma questão de pagar pedágio para a comunidade dos cientistas utilizando ferramentas retóricas. Portanto, estereótipos são pistas para estratégias do tipo bode expiatório

usadas por indivíduos ou por uma comunidade e funcionam como preditores das credenciais profissionais do locutor. Quase poderíamos dizer "diga-me quem é o seu bode expiatório e eu lhe direi que tipo de psicologia você pratica". De fato, se o estereótipo é "psicanálise não é ciência", você é provavelmente um experimentalista; se for "Piaget é um homem teatral", você provavelmente é um desenvolvimentista; se for "a psicologia experimental é um tipo de padronização resultante do capitalismo", então você é provavelmente um psicólogo crítico, se for "Piaget não ligava para o social", então você é provavelmente um vygotskyano. E assim por diante. Obviamente, os estereótipos são uma estratégia usada para não ler os autores e ignorar a história e a epistemologia, compartilhando assim a ignorância. Vou agora dar vários exemplos dessa ignorância compartilhada e da falta de pertinência que ilustram a necessidade da epistemologia e da história.

O psicólogo cego

Meu primeiro exemplo vem da área do número. Uma vez que o estereótipo permite economizar no pensamento e no raciocínio profundos, uma das consequências é a existência ignorância compartilhada também nas comunidades de especialistas. Para isso, tomo um exemplo de um estudioso especializado na lateralidade e no número. Mauro Pesenti é considerado especialista nos comportamentos das mãos. Ele deu recentemente uma palestra numa conferência sobre o número onde, depois de mostrar seus resultados, ele apresentou suas intenções e projeto de pesquisa para explorar mais as relações entre a mão e o número. Ele disse que estudaria primeiro a preensão, pois, como argumentou, estava convencido de que esta estaria relacionado ao número.

Agora vejamos qual é o problema: este é o tipo de projeto que exemplifica a psicologia da mistureba. De fato, muitos estudiosos da psicologia acreditam que eles partem de um ambiente livre de quaisquer pesquisas e ideias formuladas passado, ignorando todas as linhas de estudos que, desde Binet, passando por Claparède, Flournoy, Piaget, James, até chegar em psicólogos de meados do século XX que trabalharam na área da preensão, como o experimento da ilusão de peso de Demoor – baseada na tarefa de levantar caixas grandes e pequenas, mas com o mesmo peso. Por que não explorar todos esses autores e citá-los quando for relevante? A leitura mostraria que a preensão não é uma questão de número, mas de experiência adaptativa, de volume e espaço, forma e antecipação, objetivo e meio, todas funções executivas em que os sujeitos antecipam o peso de acordo com o volume. A função na qual mão é empregada parece

totalmente esquecida, por falta de análise das tarefas. Piaget, por outro lado, calibrou a noção de assimilação generalizada examinando de perto o desenvolvimento da preensão de vários objetos, e aqui a categoria é a acomodação do esquema à variedade de objetos apresentados.

Dentro da epistemologia cega, encontra-se traços epistemológicos implícitos no projeto de Pesenti: a mão é amputada do resto do corpo, tanto de seus usos e funções quanto de seus ambientes (culturais, funcionais, etc.). Em outras palavras, a pesquisa não tem pertinência. É claro que buscar esse projeto é a melhor maneira de publicar artigos que pareçam novos por algum tempo para depois abandonados, porque eles nem mesmo permitem refutação. O resultado geral será simplesmente aumentar a desordem, adicionar artigos OGMisados e contribuir para aumentar a quantidade de conhecimentos psicológicos baseados em valor-p.

Agora, a postura epistemológica. Algumas perguntas simples - que emergem da análise das tarefas - permitem mostrar que investigar apenas a relação entre preensão e número é praticamente um beco sem saída: não estou dizendo que não deve ser experimentado, mas não como um experimento que ignora a pertinência, os recursos históricos e o conhecimento epistemológico. Aqui estão algumas perguntas:

Que tipo de objeto eu posso pegar (tente pegar uma parede!)? quantas vezes por dia eu tomo (com uma mão) um objeto? Quantas vezes por dia eu pego vários objetos (com uma mão)? Qual é a relação com o que Pierre Janet chamou de conduta de cesta (conduite du panier) que agrupa coisas para colocá-las juntas em um recipiente? e quando eu pego vários objetos, esses objetos pertencem à mesma categoria? (Por exemplo, eu pego dois livros na minha mão, mas eu pego um livro e uma maçã? Ou minha xícara de café e um lápis? Eu uso uma preensão simples (uma apertada: café) ou preensão dupla (duas preensões: café + lápis). Então, se eu tomo algo, não é apenas para analisá-lo, mas pelo menos para movê-lo ou desalojá-lo. Então, o que dizer da trajetória (= representação espacial) que uso para mover esses objetos; então o componente tempo de manter meu objetivo ao usar minhas mãos ... Tudo isso é bastante óbvio, e é simplesmente uma análise epistemológica de preensão que mostra que muitas outras categorias além do número participam desta história: forma do objeto (então representação da forma); compatibilidade entre formas (livro + maçã = ø; livro + lápis = ok), representação motora dessa compatibilidade; classificação (livro ≠ maçã; livro = ± papel; livro = livro), agrupamento (Janet), categorias de espaço, de tempo e causalidade. Tudo isso faz uma recontextualização da mão cega, que parece ser tão útil para o psicólogo inovar.

Mas o exemplo mais forte é o de apontar. O mesmo autor disse que ele também estava explorando a relação entre o apontar e o número. Eu me contive em lembrá-lo do velho provérbio: quando você aponta a lua, o idiota olha para o dedo. Porque, de fato, a menor reflexão sobre apontar - e para isso você só precisa saber um pouco sobre a história da psicologia infantil ou apenas pensar duas vezes - mostra que sua função é dupla, designar algo e, geralmente, fazer isso para outrem, seja uma ou várias coisas; portanto, tem seu objetivo tanto espacialmente localizado fora da mão e do corpo, quanto socialmente localizado em uma interação.

É claro que a convicção dogmática reforçou a crença na universalidade do apontar - o sujeito estava "convencido de que o apontar existia em todas as culturas" - o que é falso: algumas tribos costarriquenhas usam o rosto em movimento e os olhos para designar algo. Mas não usam o apontar. Muito mais pode ser dito sobre seu papel no desenvolvimento, mas uma coisa parece certa, o número é mero contingente para o apontar. É claro que se pode imaginar uma situação em que a criança ou o adulto deva apontar uma ou várias coisas e estudar seus tempos de reação diferenciais, etc., e com certeza um valor-p significativo será encontrado. Para fazer uma nova teoria OGMisado ou uma nova teoria mistureba como a seguinte, que não pôde ser replicada pela Open Science Collaboration: "As pessoas são mais propensas a trapacear depois de ler uma passagem informando que suas ações são determinadas e, portanto, não possuem livre-arbítrio. As pessoas fazem julgamentos morais menos severos quando acabam de lavar as mãos".[20]

Superinterpretação

O primeiro exemplo nos mostrou como funciona um projeto de pesquisa em psicologia baseada em epistemologia cega, com pertinência, história e epistemologia negligenciadas. Mas eles não têm disso o monopólio.

O segundo exemplo vem do campo do desenvolvimento da primeira infância, sobre superinterpretação. No Modelo B, podemos localizá-lo na passagem do passo 3 para o 4.

A superinterpretação de dados é muito praticada no campo das habilidades iniciais. Não que não tivéssemos alertado: em sua palestra de 1997 ante a Sociedade para o Desenvolvimento

[20] https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-nature-nurture-nietzsche-blog/201509/quick-guide-the-replication-crisis-in-psychology (website of Hugo Vezzetti)

Infantil, Haith (1998[21]) abriu a questão da superinterpretação nesta área por meio da seguinte pergunta: “quem colocou o cog na cognição infantil[22]”? e discutindo o problema linguístico por trás da superinterpretação, questionou a "Superinterpretação dos dados encontrados como evidência das operações cognitivas superiores (p.e., representação, raciocínio, expectativa, crença, surpresa) por falta de definições adequadas, de ancoragem das observações ou de procedimentos";

"Precisamos ser mais claros sobre o que entendemos por 'conhecimento'". Precisamos de um conjunto de novos conceitos para falar sobre constructos infantis, ou precisamos fracionar os termos que estamos usando para permitir a análise do desenvolvimento. Quando se trata de linguagem, conceitos e definições, a análise das tarefas experimentais exige não apenas conhecimento psicológico, mas também epistemológico.

Uma característica do campo de estudos das habilidades iniciais é a confusão entre as linguagens vernácula e especializada. Quando se diz “o bebê conhece o número”, alguém viu um bebê contando alguma coisa? Quando o psicólogo diz que o bebê pode pegar o seio, não é um seio fictício. Não é uma afirmação pairando no ar. Agora, se dissermos, como Piaget, que a criança tem o número, sabemos que isso corresponde a dizer que muitas práticas que são adaptativas à nossa sociedade e ao mundo envolvem o número: as crianças podem contar, comparar, operar, somar, somar, multiplicar, agrupar coisas. , etc. Mas também é uma definição estruturada em um padrão, porque sabemos que há algumas pessoas que não são capazes de contar e isso é considerado um déficit cognitivo. Portanto, qual é a relação entre o número na criança e o número inato no bebê? Estamos falando da mesma coisa?

Em 1997, Haith alertou: "Por enquanto, responderia que foi o psicólogo quem colocou a engrenagem na cognição infantil, pelo menos nos primeiros meses. Aguardo com expectativa provas sólidas de quando as engrenagens cognitivas dos bebês realmente começam a se conectar umas com as outras". Em 2017 Leibovich e outros[23] mostraram que não havia, provavelmente, nenhum senso inato de número, porque o paradigma adaptativo que haviam sido apresentados a crianças (durante quarenta anos!) para alegar que os bebês tinham o número - e

---

[21] Haith Marshall M. 1998. « Who put the cog in infant cognition ? Is rich interpretation too costly? », *Infant Behavior and development* 21 : 167-l79.
[22] N. do T. Do original “*who put the cog in infant cognition*”
[23] Leibovich T, Katzin N, Harel M, Henik A. 2017. « From "sense of number" to "sense of magnitude": The role of continuous magnitudes in numerical cognition. » Behav Brain Sci. 2017 Jan; 40:e164. doi: 10.1017/S0140525X16000960.

muitas outras competências - eram impossíveis de serem determinados. Ninguém poderia decidir se o padrão apresentado dependia de categorias de número, espaço, densidade, classificação, forma, magnitude, figura / fundo ou outra coisa. Em outras palavras, dois padrões gráficos como ● ● e ● ● ●, por exemplo, que nós, adultos, interpretamos como diferença numérica, na verdade não são de forma alguma determinados como tal para os bebês, e exigem muitas outras categorias. Assim, como a principal medida dos paradigmas adaptativos é o tempo adicional (mais ou menos um segundo) que uma criança leva para perceber um padrão diferente, o psicólogo projeta nos padrões e nas crianças a diferença numérica que ele próprio vê - porque o adulto domina o número.

Eis algumas considerações epistemológicas e históricas:

→ Primeiro, epistemologicamente: por que se demoraria mais para ver a diferença entre duas quantidades? De fato, se o bebê dominasse o número, não levaria mais tempo analisando a diferença exatamente pelo fato de ele dominar o conceito!;

→ Segundo, como é possível que uma competência exista de forma inata sem qualquer prática real, como acontece na infância (contagem, numeração, agrupamento, etc)?;

→ Terceiro, e esta é a contribuição histórica: Piaget descobriu um processo geral que começou a funcionar em torno de dois a três meses, que ele chamou de "processo de assistir a um espetáculo interessante e querer ter ação sobre ele para o fazer continuar." (Piaget, 1936). A regulação do tempo do olhar estava entre essas estratégias e isso poderia ser uma maneira de explicar a diferença no tempo do olhar;

→ Outra experiência de Piaget, sobre a vaca e o campo, mostra claramente que as crianças não podem dissociar o espaço do número antes de serem reversíveis, que é exatamente o tipo de operação que os psicólogos colocam artificialmente no cérebro infantil;

→ Outra função do epistemólogo consciente da história poderia ser inventar novas experiências determinantes que demonstram impossibilidade de determinar.

De fato, um experimento simples seria o seguinte: pegue a palavra árabe para mamadeira [زجاجة الطفل] e então habitue a criança a ela. Então, mude esse padrão com a mesma palavra, mas agora no ideograma chinês [奶瓶] e veja o que acontece: se houver diferença de tempo, a interpretação será, naturalmente, que, devido à competência inata, as crianças entendem a diferença gráfica entre um ideograma chinês e a mesma palavra em árabe. Portanto, para usar o

mesmo, e alto nível, generalização abstrata do que os psicólogos do desenvolvimento da primeira infância dizem ter no bebê, parece que este tem um conhecimento inato de árabe e chinês. Isso é óbvio. Esse exemplo, que deve ser implementado por psicólogos, pode parecer irônico, mas na verdade apenas imita o tipo de crença epistemológica compartilhada que circula na comunidade dos desenvolvimentistas da primeira infância, e os leva a seus limites para mostrar como tudo isso é absurdo.

Assim, entre Leibovich e Piaget, existe um procedimento semelhante de dissociar categorias e analisar a tarefa.

Isso também ilustra exatamente o ponto de vista de Haith de que "é o psicólogo e ninguém mais que coloca a engrenagem na cognição infantil". O psicólogo obterá muitas vantagens ao consultar epistemólogos antes de realizar experimentos e ler Hanson sobre a observação baseada em teoria.

Como consequência, se este exemplo e se Leibovich e outros está correto, então 40 anos de psicologia do desenvolvimento da primeira infância, sobre muitas competências estudadas, são puro non-sense, de modo que a psicologia epistemológica de Piaget sempre esteve certa.

Repetição na história

A história e a epistemologia são, portanto, ferramentas necessárias para a pesquisa psicológica, porque impedem a epistemologia cega. Entre outras vantagens, elas evitam que se repita os resultados anteriores sem que se perceba. Existem muitos exemplos de repetição de conhecimento e recuperação de resultados que não citam pesquisas anteriores. Por exemplo, a noção de esquema foi colocada por Piaget em 1924 para estudar a narração causal de Bartlett para compreender a memória em 1932. Meio século depois foi usada pelos desenvolvimentistas norte-americanos dos anos 80 para estudar memória e narrativa (Bauer, Shore, Nelson , Fivush, Wrisberg e Mead, etc.[24]) sem referência aos estudos fundadores.

Talvez o caso mais claro de ausência de referência seja a tendência da teoria da mente dos anos noventa, sessenta anos depois que Piaget a descobriu, mas deu-lhe um alcance muito

[24] Wrisberg, C. A., & Mead, B. J. (1981). Anticipation of coincidence in children : A test of schema theory. Perceptual and Motors Skills, 52, 599-606.

mais forte: a incapacidade da criança pequena de se colocar no lugar do outro. O ponto de vista foi descoberto por Piaget em 1923 (Piaget 1923), então generalizado por seu contraste com o modelo de reversibilidade e, em 1948, a mesma abordagem foi usada para entender a confusão infantil sobre a noção de espaço. Ignorando tudo isso, na década de 1990, a abordagem da teoria da mente, baseadas no *Smarties task*[25], entre outras, afirmava que haviam descoberto como as crianças careciam de teoria da mente sem fazer referência a Piaget. A pesquisa de Piaget ainda não está disponível na *Wikipedia*. Agora, por que a descoberta de Piaget e sua importância para explicar não apenas a criança, mas também a estrutura adulta da mente, foram ignoradas? É claro, porque não só serviu ao interesse da comunidade na reivindicação de uma nova descoberta, mas também por causa da confusão da linguagem: já em 1923, Piaget observou que "alguns autores alcançaram resultados diferentes, dando à palavra egocentrismo seu significado usual e não o convencional que adotamos. Isso, em particular, explica a oposição de Charlotte Bühler. Um autor americano chegou a ponto de tomar como critério do egocentrismo o uso das palavras "eu" ou "mim", etc., como se não se pudesse falar de uma maneira perfeitamente socialmente adaptada e, mesmo assim, permanecerem egocêntricos, isto é, confundem o próprio ponto de vista com o dos outros e, ao mesmo tempo, não falam do próprio eu!"[26]

Tomei meus exemplos principalmente da psicologia de Piaget, que eu meio que conheço um pouco. Mas é claro que muitos exemplos podem ser encontrados em outros lugares, na psicologia dos afetos ou na cognitiva. A questão é, então, por que os psicólogos ignoram a história?

Por que os psicólogos ignoram a história?

Conhecer a história é trabalhar com fontes. Ler, se inspirar, interpretar e citar textos que não são contemporâneos. Muitos filósofos e historiadores desde Huizinga, Henri Berr, Michel

[25] N. do T. Trata-se de um experimento utilizado no contexto da Teoria da Mente onde se mostra à criança uma caixa onde se lê "Smarties", que é um tipo de guloseima. Então se pergunta à criança qual o conteúdo da caixa, e ela geralmente responde "Smarties", então é mostrado à criança que o conteúdo da caixa são lápis. Então se questiona à criança o que outra pessoa, que não viu o conteúdo da caixa, diria sobre seu conteúdo. A criança é bem-sucedida se responde que outra pessoa diria que a caixa tem "Smaties", mas falha caso responda que a pessoa diria que a caixa contém lápis.

[26] Piaget, Language and thougth in child (1926/1923) : 142

Serres, Derrida, Paul Ricoeur, Yvan Illich etc. discutiram como tornar o passado presente era importante como proteção contra a ideologia.

Qual é a relação da ciência e da psicologia com a história? Na pesquisa empírica, existe uma norma implícita que funciona como censor da publicação. Ela obriga os pesquisadores experimentais a permanecerem na atualidade, ou seja, não citar pesquisas anteriores - que geralmente são desdenhosamente consideradas como fora de moda, ou, como Geneviève Paicheler (1992: 17[27]) coloca, como uma "relutância em encarar o passado". O limite é geralmente entre 3 e 5 anos. O historiador da ciência Derek de Solla Price (1965), estudando essa tendência nas ciências físicas em reduzir a extensão temporal das citações, chamou-a de "fator imediatismo". Mas o fator imediatismo, que funciona como uma pressão para a atualidade e horizontalidade (ou seja, ampliando espacialmente o agora), foi tematizado nas ciências físicas que se assentam em uma dinâmica cumulativa: as leis, as teorias e os fatos dessas disciplinas científicas são mantidas não apenas porque são constantes e, portanto, replicáveis e preditivas (por exemplo, a lei da gravitação), mas também porque são cumulativas, no sentido de que sustentam outras descobertas e leis. Se você não tem a lei da gravitação, você não pode entrar no mundo da relatividade. Portanto, a relação de uma comunidade de sujeitos epistêmicos com o tempo é de irreversibilidade crescente específica, o que corresponde a uma reorganização cumulativa próxima do que Piaget disse: o conhecimento de uma época B não poderia aparecer sem se basear no conhecimento da época A. É o significado da teoria da gênese das estruturas de Piaget, sabendo que nunca podemos prever o que ocorrerá no estado B enquanto estivermos no estado A.

Ora, a consequência dessa relação de irreversibilidade - e é o que se verifica no fator imediatismo - é naturalizar a relação dos atores com a atualidade em detrimento da história.

O fator imediatismo - ou a prática de citar principalmente artigos contemporâneos - corresponde, portanto, a um estreitamento do tempo em torno da realidade. Mas por trás desse estreitamento existem processos epistemológicos. E esses processos são diferentes nas ciências humanas em comparação às ciências físicas. De fato, nas ciências humanas, e particularmente na psicologia, não há o mesmo tipo de reorganização cumulativa, nem a mesma relação com a irreversibilidade. Ainda mais quando seguimos a ideia de Danziger de psicologias multicentradas. Isso quer dizer que os processos - reorganização cumulativa e irreversibilidade - que

[27] Paicheler, G., 1992. L'invention de la psychologie moderne. L'Harmattan, Paris

sustentam o fator imediato nas ciências físicas não são os mesmos nas ciências humanas. Nas primeiras, a função do fator imediatismo é concentrar as energias dos membros da comunidade para resolver problemas contemporâneos, sabendo que o conhecimento antigo ou anterior já havia sido validamente resolvido. No caso da psicologia, a função muda: o fator imediatismo, embora endosse a mesma função, também reforça artificialmente a crença de que a maior parte do conhecimento prévio da disciplina não vale mais a pena ser examinada. Isso encoraja uma atitude desdenhosa em relação aos historiadores, de quem se diz trabalharem (eles estão trabalhando?) em velharias.

Algumas das práticas de escrita se relacionam com essa maneira desdenhosa de encarar a história: não citar autores clássicos, estereotipar teorias e autores, citar sem citar ou truncar um autor; o mesmo vale para as práticas de leitura, onde a unidade de leitura se tornou o artigo contemporâneo - se não o resumo - à custa de muitas obras clássicas. É claro que não é assim que acontece com a história gloriosa e linear da psicologia que vai de Wundt à psicologia cognitiva (ver Costall 2006[28]).

Resumindo: o psicólogo ignora a história porque leva tempo para conhecê-la, e porque há uma pressão da comunidade para ignorá-la por meio de normas implícitas de citação que consideram muitas, se não todas, as pesquisas anteriores como fora de moda, que não valem a pena discutir.

IV. Um remédio: integrar historiadores da psicologia e epistemólogos às equipes de pesquisa

Uma nova equipe de trabalho

Uma vez que muitos psicólogos perderam qualquer senso de pertinência e estão apenas produzindo teorias mistureba e OGMisadas, dentro de um quadro epistemológico cego, há necessidade de algumas mudanças simples: confrontar o passo da pertinência (no modelo AB) com o conhecimento histórico e epistemológico.

Existem três características principais da epistemologia cega:

---

[28] Costall A. 2006. 'Introspectionism' and the mythical origins of scientific psychology' Consciousness and Cognition, 15 (2006) 634–654.

→ Ausência de trabalho prévio e definitivo interdisciplinar (o número é aquilo que considero ser numérico, sem consultar lógicos, matemáticos e epistemólogos);

→ Ausência de análise categorial pertinente (análise de tarefas);

→ Ausência de conhecimento histórico já que o conhecimento prévio é desprezado.

Vários autores voltaram-se para a história para alimentar a psicologia, como Klempe e Smith (2016)[29], que mostraram sua centralidade para a psicologia; ou contra a crise da disciplina, como René Kaës, que considerou urgente ensinar epistemologia histórica nas clínicas[30].

Portanto, a equipe de pesquisa em psicologia do futuro deve combinar o conhecimento do psicólogo, do experimentador, do estatístico com as do epistemólogo e do historiador. Aqui estamos em um ambiente piagetiano de solução de problemas, com especialistas de diferentes disciplinas cooperando uns com os outros, não apenas compartilhando linguagem e conhecimento. Porque o que é cooperação na mente de Piaget? Não é apenas fazer coisas juntos ou compartilhar ideias, como a psicologia da mistureba colocaria. A cooperação é o verdadeiro critério que Piaget apresentou para criar uma metodologia de conhecimento. Algo só progride através da discussão, do confronto dos pontos de vista e da contradição. É isso que ele chamou de cooperação. Não é o fato de concordar imediatamente. No entanto, Piaget não analisou a cooperação em suas características interativas, sistêmicas e afetivas, para ele era importante mostrar que havia um processo social - cooperação - que construía método e o conhecimento livre, ao contrário das restrições que criavam apenas crença. Com o primeiro lidamos com assuntos epistêmicos e com o conhecimento científico, enquanto que no segundo lidamos com assunto psicológico e conhecimento não científico. Exatamente como no mundo do publicar ou perecer. Para Piaget, o sujeito epistêmico era "caracterizado pelas estruturas compartilhadas (operatórias e lingüísticas) de todos os sujeitos do mesmo nível de desenvolvimento"[31] e, portanto, o sujeito epistêmico se opunha ao eu egocêntrico - que ignora os demais.

Nesta perspectiva, a história da psicologia se tornaria, portanto, um ramo da epistemologia histórica - estudando a gênese do conhecimento e suas categorias no contexto (Piaget 1937,

---

[29] Klempe, S. H. & Smith, R. 2016 Centrality of History for Theory Construction in Psychology, Springer.
[30] Kaës, René 2008 « Quelques réflexions sur la crise de la psychologie clinique et la formation des psychologues cliniciens », Filigrane, 17(1), 6-14.
[31] Piaget, J ; 1975 « Introduction générale au dialogue connaissance scientifique et philosophie », in Connaissance scientifique et philosophie, Bruxelles Palais des académies, 13-38, p. 14.

1950, Meyerson 1948; Smith 2005[32]) - naturalmente se distanciando da história celebratória, da narração de histórias e das lacunas analógicas (Ratcliff, 2016[33]). Nesse sentido, substituiria a epistemologia cega contemporânea pelo espírito piagetiano (Richelle 2000[34]) - uma combinação de rigor, inventividade, análise e síntese.

V. Conclusão

Restaurar a credibilidade

Por fim direi, tal qual um colega francês, que a dificuldade não é o problema, mas a solução.

Vimos que a solução de Chris Green era uma solução contratual pragmática, que abordava a questão da confiança entre a comunidade e o indivíduo ou equipe de pesquisa, mas não a pertinência. Manteria segura uma psicologia popperiana - principalmente na reprodutibilidade, metodologia e estatística -, mas permaneceria em uma epistemologia cega. De fato, essa solução não aborda a questão da pertinência, embora permita que os psicólogos sobrevivam no pequeno mundo da pesquisa psicológica a partir de qualquer questão de pertinência. Mas com a nova espada de Dâmocles representada pelo lema publicar lixo ou perecer.

Minha proposta não é uma substituição da Green, mas uma forma complementar que promoveria o espírito piagetiano e evitaria o lixo descrito no lema. Abordaria a questão do desprezo por parte daqueles vistos como especialistas, historiadores e epistemólogos que não participam. E seria um contrato sobre humildade. Os psicólogos não devem apenas aceitar historiadores e epistemólogos, mas cooperar com eles nas etapas 1 a 3 e 4 a 6 da trajetória da pesquisa. Isso mudaria a forma como os psicólogos representam historiadores e epistemólogos, mudaria a natureza de uma equipe de pesquisa psicológica e melhoraria a estrutura das trocas na equipe.

---

[32] Smith, R. 2005. « The history of psychological categories », Stud. Hist. Phil. Biol. & Biomed. Sci. 36 (2005) 55–94.
[33] Ratcliff, M. J. 2016 « Raccourci analogique et reconstruction microhistorique: Les origines du laboratoire de psychologie expérimentale de Genève en 1892 ». In: Chambost, A.-S. (org.). Revue d'histoire des sciences humaines, 29.
[34] Richelle, M. 2000. « L'esprit piagétien et le renouveau de l'esprit », in: O. Houdé & C. Meljac (dir.), L'esprit Piagétien, Paris : PUF, pp. 225-236.

Esta solução é inspirada pelo espírito piagetiano: próximo ao que ele fez no Centro Internacional de Epistemologia Genética, de 1955 a 1980, a interdisciplinaridade seria promovida. Historiadores da psicologia e epistemólogos se tornariam membros plenos de toda equipe de pesquisa psicológica. Porque isso? Porque os historiadores da disciplina seriam a principal garantia para a validade da verdadeira inovação - em vez de publicar variações incitadas ou repetições de pesquisas anteriores, ou historiadores endossariam o importante papel de conciliar o conhecimento histórico com o contemporâneo, dando à pesquisa psicológica sua profundidade. Eles seriam - entre outros deveres e interesses - especialistas em pesquisas negligenciadas pela psicologia contemporânea. Isso permitiria aos psicólogos mudar sua atitude em relação ao passado, evitar estereótipos, ajudar a reconciliá-los com material e experimentos teóricos prévios. Os historiadores poderiam facilmente trazer material que pudesse inspirar os psicólogos tanto para modelos teóricos quanto para experimentos. Portanto, os historiadores se tornariam a garantia da pertinência histórica, uma advertência de que a pesquisa psicológica pode tornar-se cumulativa e reorganizada - portanto qualificada para ser uma ciência rigorosa. O epistemólogo, por outro lado, se tornaria a cautela para a pertinência epistemológica, portanto análise categorial, análise de tarefas, rigidez conceitual, verificação do mesmo conceito ou competência (por exemplo número) em outras disciplinas e relato sobre isso para os psicólogos; eles ajudariam a formular novas perguntas para evitar a psicologia de bares e trazer novas ideias sobre experimentos. A disciplina se tornaria enraizada no passado e, sendo não repetitiva, muito mais próxima do funcionamento de um paradigma kuhniano.

Uma psicologia inspirada em Piaget, portanto, cruzando o experimentalismo popperiano com profundidade e pertinência epistemológica piagetiana e com o conhecimento histórico é o único futuro para a pesquisa psicológica restaurar sua credibilidade contra a epistemologia cega.

Dez 2018

PSICOLOGIA DO ESPORTE: ÁREA PRECURSORA DA PSICOLOGIA NO BRASIL

RICARDO MARINHO DE MELLO DE PICOLI
CRISTIANNE DE ALMEIDA CARVALHO

No Brasil, a Psicologia do Esporte foi reconhecida e regulamentada como especialidade da profissão pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) pelas resoluções nº 014/2000 e nº 02/2001. Entretanto, a prática da Psicologia no contexto esportivo é datada de aproximadamente 70 anos antes de tais resoluções do CFP, precedendo até a regulamentação da Psicologia enquanto profissão no país em 1962.

Os primeiros registros da inserção da Psicologia no contexto esportiva são do início do governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, por iniciativas e demandas da formação em Educação Física (vista até então como uma atividade de cunho militar), e não pela necessidade de construção de mais campo do saber psicológico. O exército brasileiro, nessa época, passou por muitas transformações organizacionais, assumindo grande relevância na política do país nesse momento histórico. Castro (1997) afirma que nesse período o exército estava intimamente ligado aos projetos nacionais como formador, além de seu papel na defesa do país. Assim, na primeira escola de Educação Física do Brasil, ligada ao Exército brasileiro, criada em 1932 e situada no Rio de Janeiro, há a promoção, ainda que restrita, de um espaço teórico para que a Psicologia pudesse ser abordada (CARVALHO; JACÓ-VILELA, 2009).

Na década de 1930, Lenharo (1986) sugere que se inicia o processo de militarização do corpo que, por conta da instabilidade política, econômica e social do país, bem como por políticas eugênicas e higienistas do Estado, deve ser objeto de controle para que, por meio do controle de seus movimentos, desenvolva-se um ser humano íntegro, responsável e disciplinado para que assim haja a transformação da sociedade. Dessa forma, sobre o corpo voltam-se as atenções da Medicina, Educação, Engenharia, Exército e Igreja.

A noção de militarização dos corpos de Lenharo (1986), os estudos de Gondra (2004) nas teses dos cursos de Medicina do Rio de Janeiro, além dos trabalhos de Soares (2005) sobre o uso do corpo e da ginástica na Modernidade, foram fundamentais para compreender a participação da Educação Física no projeto civilizatório do país na primeira metade do século XX (CARVALHO, 2012).

Para Ramos (1941 *apud* Carvalho 2012), a educação física é um complemento, uma face da educação global, dirigindo-se a uma personalidade, corrigindo estruturas resultantes de vivências negativas. A Educação Física, intimamente ligada à Escola Militar e à Medicina, fica responsável pelas atividades disciplinares do movimento e se desenvolverá como disciplina em busca do "ser total" - dualismo mente e corpo posto de outro modo. É nessa relação que a Psicologia se insere.

Após levantamento bibliográfico refinado feito por Carvalho (2012) nos primeiros periódicos da Educação Física, foram encontrados 120 artigos reunindo temas como higiene,

formação ou educação integral, processos psicológicos, desenvolvimento humano, caráter e personalidade, psicopatologia e deficiência (física e mental), comportamento social e psicologia e educação física em periódicos da Educação Física no período entre 1930 e 1960. Tais artigos, escritos por militares, médicos, pedagogos ilustram como o saber psicológico foi apropriado pela Educação Física na busca da compreensão de fenômenos relativos ao homem integral para a nação, além de auxiliar na formação em Educação Física (Carvalho, 2012).

Mais à frente, nas décadas de 1950 e 1960, já sob influência da psicofisiologia e teorias da aprendizagem e psicometria, observa-se um movimento em favor da aplicação da Psicologia no contexto esportivo para a "manutenção da boa relação entre corpo e alma" (Queiroz, 1963) e a Psicotécnica e orientação profissional para "indicar o melhor desporto ao desportista" (Stramandinolli, 1962, p. 88). Essa mesma autora na Revista Arquivos apresenta uma tentativa de aplicação da psicologia a partir de práticas existentes em outras áreas.

> [...] Se a tarefa ideal da Psicologia aplicada ao trabalho é a de transformar o trabalho em jogo, suavizando o rigor das ocupações, [...] e despertando-lhe a alegria de trabalhar, não é menos importante a tarefa que a Psicotécnica poderá empreender para evitar, na vida desportiva,os inconvenientes verificados no mundo do trabalho.
>
> Assim como a Orientação profissional é capaz de indicar o melhor trabalho para cada homem, visando o bem-estar individual e social, a orientação desportiva indicará o melhor desporto ao desportista (STRAMANDINOLLI, 1962, p. 88).

O processo de construção dessa especialidade também é delineado pela inserção de outros fazeres *psi*, caracterizando essa nova psicologia por um hibridismo entre psicologia clínica e industrial através do uso de testes psicológicos voltados para o diagnóstico de patologias e seleção profissional. Dessa forma, tais autores aparecem como pioneiros nesse processo transição da inserção da Psicologia como saber complementar para uma aplicação no universo esportivo.

Nesse mesmo período, em São Paulo, surge o trabalho do sociólogo e jornalista João Carvalhaes, inserindo-se no esporte por meio de sua atuação na Federação Paulista de Futebol com a seleção e preparação psicológica de árbitros (1954-59), no São Paulo Futebol Clube (1957) e como psicólogo da Seleção Brasileira Masculina Adulta de Futebol campeã da Copa do Mundo FIFA na edição de 1958 realizada na Suécia (Hernandez, 2011). João Carvalhaes em função dessas atuações práticas passa a ser considerado também pioneiro da Psicologia do

Esporte no Brasil, publicando artigos e livros sobre o tema e participando do II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte em 1968 nos EUA.

A partir de então, no Brasil, a área de Psicologia do Esporte vem se consolidando como prática e ciência. Em 1979 surge a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte da Atividade Física e da Recreação (SOBRAPE), entidade ligada a cursos de graduação e programas de Pós-graduação da Educação Física e, em 2003, a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), entidade regulamentada em 2006, ligada ao Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB). Nasceu a partir do diálogo, do encontro e do trabalho de um grupo de psicólogos e profissionais da Psicologia e da Educação Física envolvidos em estudos e práticas profissionais da Psicologia do Esporte no Brasil. A ABRAPESP tem por finalidade zelar e incentivar o crescimento da Psicologia do Esporte, como área de atuação profissional, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento humano por meio do esporte e da atividade física. Conforme Angelo (2003), só na segunda metade do século XX vemos Psicologia do Esporte e da Atividade Física extrapolando suas funções diagnósticas originada no estudo do desvio, do patológico, voltando-se para a promoção e prevenção de saúde.

Historicamente, os percursos de constituição da Educação Física e da Psicologia aproximam-se, mas seus objetivos e interesses diversificam-se. A Psicologia demorou mais tempo a se firmar como disciplina autônoma, permanecendo como campo auxiliar de outras disciplinas e seguia mais preocupada servindo outras áreas e menos em se estabelecer como ciência no Brasil. As consequências desse percurso ainda respingam hoje no reconhecimento e legitimação da Psicologia aplicada ao esporte que ainda reivindica seu espaço como uma especialidade frente á categoria profissional dos psicólogos e à sociedade. (CARVALHO, 2012).

Assim, no século XXI a Psicologia do Esporte ainda enfrenta problemas relativos à sua identidade como campo de atuação, embora exista hoje uma Psicologia do Esporte no Brasil com foco amplo de atuação, fundamentos teóricos e metodológicos definidos, característicos de uma reconhecida especialidade do saber psicológico, é possível identificar nos dias atuais engenheiros, médicos, professores de Educação Física e profissionais de outra formação universitária desenvolvendo ações junto ao treinamento mental de atletas.

As dificuldades de se estabelecer o lugar e a identidade do psicólogo do esporte em território nacional, ainda é uma realidade e não é um problema do passado, está relacionado à falta de inserção ou visibilidade da Psicologia do Esporte ao longo da formação em Psicologia e de qualificação aos profissionais. Um saber sem a devida legitimação em sua própria profissão é um saber disponível a todos que, por ele, tenham interesse em conhecer e aplicar...

Esse cenário vem se alterando em função do apoio institucional do sistema conselhos[1] de Psicologia, onde as representações regionais e federal de orientação e fiscalização da profissão vem abrindo espaço para difusão e discussão de temas relevantes da Psicologia do esporte, bem como apoiando a criação grupos de trabalho e outros espaços de diálogo com os profissionais e alunos interessados. No âmbito da qualificação profissional, ainda são escassas as possibilidades, mas alguns programas de Pós Graduação contam com professores e pesquisadores da área.

Para a ABRAPESP, entende-se por psicólogas do esporte as profissionais que, devido a sua preparação universitária em Psicologia e experiências subsequentes nas áreas de Esporte e Educação Física, trabalham no desenvolvimento de atividades que viabilizem a atuação humana em situações esportivas competitivas, cooperativas, educacionais, de reabilitação ou de lazer.

REFERÊNCIAS

ANGELO, L. F. Saúde, psicologia, esporte e atividade física: um encontro necessário. In: RUBIO, K. (Org.). Psicologia do esporte aplicada. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 95-118.

CARVALHO, Cristianne Almeida. Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a História da Psicologia do Esporte no Brasil. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, C.A; JACÓ-VILELA, A.M. Psicologia do Esporte no Brasil em dois tempos: uma história contada e uma história a ser contada. **XV Encontro Nacional da ABRAPSO**, p.1-7, 2009.

CASTRO, CELSO. In corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil. 1997.

EVANGELHO HERNANDEZ, José Augusto. João Carvalhaes, um psicólogo campeão do mundo de futebol. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v.11, n.3, 2011.

GONDRA, J. G. Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas: Papirus, 1986.

QUEIROZ, Carlos Sanchez de. Reflexões de um Psicólogo Médico sobre a Medicina Desportiva. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 18, p. 125-130, jun./dez. 1963.

[1] Sistema conselhos é formado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais com representações em todos os estados brasileiros

SOARES, C. L. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3. ed. Campinas: Autores associados, 2005.

STRAMANDINOLLI, Cecília Torreão. Necessidade de orientação na prática de atividades desportivas. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 17, p. 87-95, jun. 1962.

Dez 2018

O PAPEL DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: NOTAS SOBRE A COLEÇÃO "CLÁSSICOS DA PSICOLOGIA"

SAULO DE FREITAS ARAÚJO

Grande parte dos cursos de psicologia no Brasil oferece disciplinas obrigatórias sobre a história e os fundamentos teóricos da psicologia, independentemente dos distintos nomes que esses cursos venham receber. Em todo caso, supõe-se que os estudantes brasileiros de psicologia adquirem, ao longo de sua formação, sólidos conhecimentos sobre o desenvolvimento histórico de teorias psicológicas e da psicologia como ciência e profissão, o que, por sua vez, os permitiria adotar uma perspectiva crítica em relação às suas próprias escolhas teóricas e práticas.

Em que pese, porém, esse nobre ideal, o que acontece na realidade é algo bem diferente. Em boa parte dos casos, as disciplinas de história da psicologia não são ministradas por historiadores da psicologia, mas sim por psicólogos sem qualquer formação ou treinamento em pesquisa e ensino de história. Normalmente, isso leva a um tratamento pobre do assunto, baseado totalmente em fontes secundárias de qualidade duvidosa. Além desse problema, que pode ser atribuído a uma deficiência de recursos humanos, o ensino de história da psicologia no Brasil também é afetado significativamente por uma carência ainda mais profunda: a ausência de traduções para a língua portuguesa de autores clássicos que melhor representam a tradição psicológica. Por exemplo, obras fundamentais de Wundt, Brentano e Titchener nunca foram traduzidas em nosso país. Em alguns casos (p. ex. Skinner), as poucas traduções existentes não são confiáveis, o que nos traz de volta ao mesmo problema.

Na tentativa de amenizar os efeitos provocados por essa última deficiência, eu criei, em parceria com a Editora Hogrefe – líder na área de psicologia, psiquiatria e saúde mental na Europa, e recentemente instalada no Brasil –, a coleção "Clássicos da Psicologia". Nosso objetivo é trazer para o público lusófono traduções contemporâneas de autores clássicos da tradição psicológica, cujos textos, apesar de fundamentais para o desenvolvimento histórico da psicologia científica, ainda não foram traduzidos para o português.

A coleção será composta de volumes individuais, com lançamento anual. Cada volume será dedicado a um autor específico e conterá um ou mais textos que ilustram seu projeto ou programa específico de psicologia. Todas as traduções serão feitas a partir dos textos originais (latim, alemão, inglês, russo, francês, etc.) e acompanhadas de uma introdução geral, notas explicativas, glossário, cronologia e índice.

A essa altura, o leitor estará provavelmente se perguntando: o que é, afinal de contas, um clássico? Quais são os critérios a partir dos quais os autores e os textos da coleção serão selecionados? De acordo com o escritor italiano Ítalo Calvino (1923-1985), "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer" (Calvino, 2002, p. 11). Da mesma forma, ele continua, "os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir

dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos" (p. 12). Embora Calvino estivesse pensando fundamentalmente em textos literários, o mesmo deve valer para a filosofia e a psicologia. Eu acredito que os autores e textos selecionados para esta coleção constituem fontes inesgotáveis para a reflexão sobre o estatuto atual da psicologia como ciência e profissão. Eles oferecem insights originais e surpreendentes para os psicólogos contemporâneos. Em outras palavras, são clássicos, no sentido de Calvino.

O primeiro volume, que acaba de ser publicado, é dedicado a Wundt, um dos personagens mais influentes no estabelecimento da psicologia científica (Wundt, 2018). Para esse volume, escolhi dois textos que capturam bem a compreensão final que Wundt tinha da psicologia como ciência, e que nunca foram traduzidos para qualquer outra língua: *A definição da psicologia* (Wundt, 1911) e *Introdução [à psicologia dos povos]* (Wundt, 1900). Em ambos os textos, Wundt discute questões relativas à fundamentação e à demarcação da psicologia que permanecem abertas. Por exemplo, ele defende que a psicologia, como ciência autônoma, não pode ser definida como o estudo dos processos cerebrais. Além disso, ele argumenta que os processos mentais têm uma dimensão coletiva que não pode ser reduzida à mente individual. Em ambos os casos, ele apresenta argumentos originais e abre novas perspectivas para o estabelecimento da ciência psicológica. À luz das recentes tentativas de se reduzir à psicologia à neurociência, ler Wundt é como respirar ar fresco (Araujo, 2016).

Os quatro próximos volumes já estão planejados: George Herbert Mead (2019), Lev Vygotsky (2020), John Broadus Watson (2020) e Edward Titchener (2021). Outros clássicos, tais como William James, Jean Piaget, John Dewey, Théodule Ribot, Burrhus Skinner e Gustav Fechner, já estão sendo planejados. Em todos os casos, o padrão adotado será o mesmo: a) uma antologia de textos representativos do autor em questão; b) um(a) tradutor(a) que conheça não só a língua original, mas também a obra do autor em questão.

A leitura desses clássicos permite não só ao estudante de psicologia, mas também ao psicólogo, compreender os contextos específicos de emergência das teorias e práticas psicológicas, comparando-as com o seu próprio contexto atual, o que, por sua vez, favorece um distanciamento crítico e uma maior compreensão do(s) sentido(s) da psicologia contemporânea. Assim, todos aqueles interessados nas múltiplas facetas do conhecimento psicológico terão a oportunidade de conhecer uma rica tradição de autores que estabeleceram os fundamentos teóricos e metodológicos de sua ciência e profissão.

Referências

Araujo, S. F. (2016). *Wundt and the philosophical foundations of psychology: A reappraisal*. New York: Springer.

Calvino, I. (1999). *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Cia das Letras.

Wundt, W. (1900). Einleitung [Introduction]. In W. Wundt, *Völkerpsychologie* (Vol. 1, pp. 1-28). Leipzig: Engelmann.

Wundt, W. (1911). Die Definition der Psychologie [The definition of psychology]. In W. Wundt (Ed.), *Kleine Schriften* (Vol. 2, pp. 113-166). Leipzig: Egelmann.

Wundt, W. (2018). *A fundamentação da psicologia científica.* Organização, tradução, introdução e notas de Saulo de Freitas Araujo. São Paulo: Hogrefe.

Dez 2018

ENCONTRO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA – EFHEP: BREVES NOTAS SOBRE O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO

FERNANDO TAVARES SARAIVA

ANA CLARA DE PAULA NAZARETH

HIGOR SOUSA PAIVA

A ideia da realização do Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia (EFHEP) surgiu em 2011, por iniciativa de estudantes do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR - Fortaleza, Ceará) que sentiam falta, em sua formação, de estudos mais aprofundados nas áreas que dão nome ao evento. À época, o grupo questionava o modo como o ensino de Filosofia e História da Psicologia eram e ainda são inseridos em suas formações curriculares: estes campos de estudo concentravam-se em uma única disciplina - o que diminuía consideravelmente a carga-horária destinada a cada área; esta disciplina não se constituía pré-requisito para nenhuma outra - relegando-a a um papel secundário e por vezes "deslocado", já que poderia ser cursada a qualquer momento do curso; e era comum que professores que ministravam esta disciplina não possuíssem formação específica nem se relacionassem com comunidades de discussão pertinentes a tais áreas de estudo.

Desde então, a organização de um evento acadêmico focado em Filosofia, Epistemologia e História da Psicologia configurou-se como uma forma de minimamente compensar estas lacunas, defendendo a autonomia e a pertinência de estudos nestas áreas para a formação do profissional e do pesquisador em Psicologia. Atualmente com seis edições já realizadas, o evento propõe a constituição de um espaço legítimo para o diálogo acerca do desenvolvimento e da produção de conhecimento nestas áreas da Psicologia. Para tanto, busca ampliar o escopo e o alcance de suas discussões somando a presença de pesquisadores com relevantes estudos de Filosofia e História da Psicologia em nível nacional à participação de profissionais do Ceará interessados em tais áreas de estudo. Dessa forma, o EFHEP busca gerar um impacto para o ensino e a formação em Psicologia e áreas afins tanto a nível local, quanto regional e nacional.

Ainda que inicialmente a Comissão Organizadora do EFHEP tenha sido composta majoritariamente por estudantes de graduação da já referida instituição, o grupo buscou estabelecer parcerias com laboratórios de pesquisa e coordenações de cursos de Psicologia de outras Instituições de Ensino Superior locais, como a Universidade Federal do Ceará (UFC) - em particular, com o Círculo de Pesquisas sobre Lógica e Epistemologia das Psicologias (CPLEP) - e a Universidade Estadual do Ceará (UECE). Neste momento inicial, também foi de ímpar importância o apoio e incentivo de reconhecidos pesquisadores da área de Filosofia e História da Psicologia, como os professores William Barbosa Gomes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) e Saulo de Freitas Araujo (Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF).

Atualmente, o grupo conta com uma rede de colaboradores que também envolve estudantes de graduação e pós-graduação das mencionadas instituições do Ceará, assim como antigos membros que hoje atuam como pesquisadores e profissionais. Ainda assim, quando há necessidade de renovação da comissão que organiza o evento, incentiva-se o convite a estudantes

de graduação, considerando a ideia inicial de repensar a forma como Filosofia e História da Psicologia inserem-se no nível mais básico e fundamental da formação do psicólogo.

Em tal contexto e buscando pensar a organização do evento também como um espaço de formação de seus integrantes, algo que se buscou valorizar nos diversos grupos que se formaram para organizar cada edição do evento foi o diálogo entre os interesses de estudo de cada membro, e de que maneira seria possível refleti-los de forma crítica sob a ótica da pesquisa em Filosofia e Histórica da Psicologia. Assim, as reuniões reservadas para definição dos temas gerais de cada edição costumam ser bastante valorizadas, uma vez que constituem para o grupo momentos de compartilhamento e discussão de inquietações e de materiais estudados individualmente ou em outros contextos.

Ao longo dos anos e das sucessivas edições do evento, buscou-se transitar o foco destes temas entre as áreas de estudo contempladas, com algumas edições focadas em debates filosóficos e epistemológicos, enquanto outros centraram-se em discussões historiográficas. Ainda assim, e principalmente por meio da escolha dos convidados e da definição dos temas de cada atividade da programação, busca-se uma possível articulação entre estes campos de estudo e os conhecimentos por eles produzidos. Quanto à História da Psicologia, esta foi contemplada com particular atenção pelos temas da terceira - “Histórias da Psicologia: Do que houve ao que (não) se ouve” (2015) - e da sexta e mais recente edição do evento - “Sobre a (in)constituição da Psicologia: Com quantas crises se constrói a sua História?” (2018).

A realização periódica do EFHEP tem levado ao reconhecimento do evento por professores, pesquisadores e universidades. Principalmente a Universidade de Fortaleza, que o tem sediado desde sua primeira edição e que passou a considerá-lo como um relevante evento no calendário institucional. O apoio oferecido é tanto logístico, a partir da concessão do espaço físico para a sua realização, quanto apoio em relação a recursos materiais necessários.

Desde 2015, a Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP) também tem sido uma importante parceria para o EFHEP. A SBHP vem apoiando sua realização e fortalecendo-o diante da comunidade brasileira de pesquisadores e professores de História da Psicologia. Em 2018, esta colaboração culminou no convite para que o 6º Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia (EFHEP 6) fosse organizado em conjunto com o 2º Congresso Brasileiro de História da Psicologia, que ocorreu entre os dias 19 e 22 de setembro. Destaca-se que o EFHEP 6 foi a edição do evento com maior carga horária e quantidade de atividades submetidas e organizadas: ao longo de 36 horas/aula, cerca de 145 inscritos e convidados puderam acompanhar 6 minicursos, 7 palestras e conferências, 10 mesas redondas e 36 comunicações orais.

Além do reconhecimento e confiança por parte da SBHP quanto à organização de um evento conjunto, a sexta edição do EFHEP contou pela primeira vez com a participação de convidados internacionais - da Argentina, a professora Ana María Talak (Universidad Nacional de La Plata - UNLP) e os professores Catriel Fierro (Universidade Nacional de Mar del Plata - UNMDP) e Miguel Gallegos (Universidad Nacional de Rosario - UNR); do Chile, a professora Jimena Carrasco Madariaga (Universidad Austral de Chile - UACH); da Colômbia, os professores Brujo Andrés Jaraba Barrios (Universidad Pontificia Bolivariana - UPB) e Hernán Camilo Pulido Martínez (Pontificia Universidad Javeriana - PUJ); e da Suíça, o professor Marc J. Ratcliff (Université de Genève - UNIGE). O evento também marcou o lançamento do primeiro livro de Wundt publicado no Brasil, con textos traduzidos diretamente do idioma alemão e organizados pelo prof. Saulo Araujo.

A avaliação do evento feita pela comunidade acadêmica foi positiva e, como nas edições anteriores, os participantes e convidados encorajaram a realização de novas edições. Ano após ano, o EFHEP vem procurando firmar seu projeto inicial, de se tornar um espaço acessível para que tanto estudantes de graduação em psicologia, quanto os pesquisadores da área tenham espaço para apresentar suas pesquisas e promover relevantes discussões.

Dez 2018

6º ENCONTRO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA (EFHEP 6) E 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA (2º CBHP)

MARCUS VINÍCIUS DO AMARAL GAMA SANTOS

Nos dias 19 a 22 de Setembro de 2018, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) tomou lugar o 6º Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia (EFHEP 6) & 2º Congresso Brasileiro de História da Psicologia (2º CBHP), contando com a presença de convidados internacionais e de várias regiões do Brasil, com o objetivo de reunir pesquisadores que possuíssem trabalhos nas áreas de História da Psicologia, Epistemologia da Psicologia, Filosofia da Psicologia e áreas afins.

O evento teve - além das conferências de abertura e encerramento - um saldo total de seis minicursos, oito sessões de comunicações orais, dez mesas redondas, cinco palestras, um simpósio e uma conferência de lançamento.

Em primeiro lugar, é digno de nota a qualidade da organização do evento levada a cabo pelos organizadores e monitores. Toda a questão logística e de manuseio de equipamentos foi feita com grande agilidade e atenciosidade. Praticamente não houve problemas com horários e os problemas que surgiram foram prontamente resolvidos sem grandes consequências para a continuidade e qualidade do evento.

A abertura oficial do evento se deu no final do primeiro dia com uma interessante palestra proferida pelo professor Dr. Saulo de Freitas Araújo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) intitulada "Sobre crises e afins: Com quantos conceitos se escreve uma História da Psicologia?", a qual começou fazendo algumas considerações sobre a autocrítica, considerando-a como fundamento e até condição de possibilidade de uma crítica a outrem. Em seguida, foi feito uma breve história das obras que buscaram denunciar estados de crise na Psicologia, obras que datam até mesmo de antes do século XIX, ou seja, muito próximo do marco de fundação da Psicologia Científica, 1879. Posteriormente, foi levantada a questão da imprescindibilidade da utilização de conceitos fundamentais para se fazer uma História da Psicologia, e se chamou a atenção para o fato de que a definição que é dada aos conceitos que se utiliza guiam em grande parte a realização das pesquisas e, portanto, seus resultados: ao se definir História e Psicologia de uma certa maneira, já se está estabelecendo o escopo espaço-temporal que será trabalhado. Assim, foi defendido a parcialidade de todo conceito: a capacidade de todo conceito de desvelar uma parte do campo, mas sempre com a contrapartida de velar uma outra parte. A conferência se pautou principalmente pela defesa desse caráter fundamental dos conceitos e deixou como inquietação a necessidade de atentar para quais conceitos estão por trás de cada História da Psicologia que é contada e quais vantagens e desvantagens o uso de cada um desses conceitos traz a partir de sua escolha.

Dignas de destaque foram as duas palestras proferida pelo Dr. Marc J. Ratcliff, dos Archives Jean Piaget (Genebra, Suíça). A primeira intitulada “Synthetic observation: Piaget's tacit methodological conception of research on early development” que tratou sobre os diários/prontuários antigos de Piaget, nos quais ele registrava os experimentos que fazia com seus filhos se utilizando dos instrumentos e mobílias que tinha em sua própria casa. Foi enfatizado a sistematicidade e padronização de Piaget na execução e no registro dos experimentos, assim como o grande número de abreviações e o uso de desenhos esporadicamente. Foi chamado a atenção para as implicações epistemológicas que tais registros conteriam, assim como para as continuidades e descontinuidades que os experimentos analisados possuem em relação com a teoria e com os experimentos posteriormente desenvolvidos por Piaget, em sua fase mais comumente conhecida, na qual já possuía sua divisão dos estágios de desenvolvimento. A segunda palestra proferida pelo Dr. Marc J. Ratcliff foi a intitulada “Towards an historical epistemology of crisis in Psychology: A Piagetian View” (publicada nesse número), que teve como objetivo trazer problematizações epistemológicas baseadas nas diversas crises que foram apontadas na História da Psicologia. Primeiramente, foi apresentada uma revisão bibliográfica dos livros publicados que apontariam tais crises; posteriormente foi apontada uma crise epistemológica que a Psicologia estaria vivendo atualmente. A crise atual da Psicologia se daria por uma inversão do método científico tradicional: em vez de partir de hipótese, passar para a experimentação e retirar conclusões, a Psicologia atual estaria partindo de resultados considerados cientificamente relevantes ($p < 0.05$) para posteriormente construir uma hipótese ou um quadro teórico capaz de explicar tal resultado. Na análise dessa crise foram apontados alguns fatores eminentemente atuais, como a grande pressão para a publicação de resultados relevantes, e também foi apontada uma tentativa de resolução por um pesquisador contemporâneo para tal crise. Tal resolução se daria por meio da garantia do direito de publicação do artigo, mesmo se os resultados da pesquisa forem estatisticamente irrelevantes. Essa tentativa de resolução foi então criticada como insuficiente e, como resposta, foi apresentada uma perspectiva epistemológica Piagetiana que seria capaz de resolver tal crise de forma mais geral.

Também de grande importância foi o lançamento da coleção “Clássicos da Psicologia” (cf. artigo sobre a coleção neste número) e de seu primeiro volume dedicado à Wilhelm Wundt, o considerado pai da Psicologia Científica: “A fundamentação da psicologia científica”. O lançamento foi precedido pela conferência “A importância dos clássicos na formação do psicólogo" proferida pelo professor Dr. Saulo de Freitas Araújo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que é o idealizador, organizador e coordenador da coleção. A coleção está sendo lançada pela Hogrefe Editora e é um projeto de longo prazo. A conferência tratou sobre o que

seria um texto clássico e as reflexões do professor Saulo tiveram como ponto de partida o texto "Por que ler os clássicos" do escritor italiano Italo Calvino. Em sua fala, foi apontado que as principais características de um clássico seriam: a atemporalidade, podendo ser retomado em diferentes momentos da história; a incapacidade de serem esgotados, sempre trazendo novas reflexões todas as vezes que é retomado; e a capacidade de trazer reflexões genuínas para todos os tipos de leitora, não sendo interessante apenas para iniciantes ou para mais avançados nos estudos da área. A partir disso, foi destacada a importância de haver traduções dos textos clássicos para a formação dos alunos; nesse sentido, a coleção teria sido pensada com intuitos didáticos, contando com introduções, para que se possa situar o texto para o leitor e notas do tradutor não só para apontar as escolhas de tradução, mas também para desenvolver ou expor pontos que são importantes no texto, mas que o autor não deu muita atenção no momento. Assim, enfatizou-se que a coleção contaria com profissionais especialistas nos autores que seriam por eles traduzidos, para que o nível de excelência fosse mantido, sempre mantendo a ênfase na didática, para manter a coleção acessível ao público. Por fim, foram anunciados os próximos autores a serem contemplados pela coleção, dentre eles: Edward Bradford Titchener, William James e George Herbert Mead, algumas delas em vias de finalização ou já finalizadas e em processo de editoração.

Dentre as outras atividades que foram realizadas, destaco como tendo sido de grande valia para mim os minicursos que pude presenciar. Primeiramente, o minicurso "El análisis de controversias como metodología de investigación en Historia de la Psicología" do convidado Me. Bruno Andrés Jaraba Barrios da Universidade del Valle (Colômbia), que tratou, na primeira metade, sobre: exemplos de controvérsias na História das Ciências e na História da Psicologia; as diferentes perspectivas epistemológicas acerca das controvérsias (a essencialista e a simétrica) e suas características; os elementos presentes nas controvérsias e suas características. A primeira parte foi muito marcada pela didática da apresentação, recorrendo a tipos ideais para ajudar na compreensão das perspectivas expostas. A segunda parte do minicurso foi utilizado para a exemplificação na prática de como a metodologia da análise de controvérsias pode ser utilizada em uma pesquisa; para isso, o convidado se utilizou de uma de suas pesquisas, sobre as controvérsias acerca da fundação do curso de Psicologia na Colômbia. Foi discutido também o escopo de tal metodologia, assim como suas vantagens e desvantagens para a produção de conhecimento.

Também um segundo curso, intitulado "Tendiendo puentes entre pasado y presente: Aproximaciones históricas y contemporáneas al estudio de la formación universitária de psicólogos" ministrado pelo professor Catriel Fierro da Universidade Mar del Plata (UNMDP). O

minicurso tomou as formações universitárias como produtos históricos formados por um conjunto de fatores, tais como professores, cátedras, conteúdos e flutuações sócio-institucionais, mas também a relação de retroalimentação que as disciplinas possuem com as comunidades científicas. A parte metodológica se deu por meio da divisão e caracterização dos estudos na área em qualitativos - que enfocariam as trajetórias intelectuais, os processos de profissionalização e investigações macrocurriculares sobre condições de emergência - e os estudos quantitativos - que enfocariam as estruturas curriculares, os conteúdos dos cursos, mas que apresentariam dificuldades de comparação com outros estudos do mesmo tipo. Ainda nessa divisão da metodologia, foi ressaltado que tal divisão não é completa: os estudos quantitativos e qualitativos seriam complementares e os recursos de um poderiam ajudar a chegar a conhecimentos impossíveis ao outro. Também foi feita uma divisão entre a Socio-bibliometria - que trataria quantitativamente da ciência enquanto instituição -, a História Socio-Profissional - que enfatizaria as instituições, corpos colegiados e agentes coletivos da disciplina como profissão e que se concentraria nas práticas endógenas e exógenas dos psicólogos como grupo condensado - e a História Filosófica - que focaria mais nas questões epistemológicas envolvidas. Após essas divisões mais gerais, o curso foi direcionado mais para uma exemplificação do uso da metodologia quantitativa, socio-bibiométrica, no estudo da formação de psicólogos.

Por fim, um último minicurso que acompanhei foi o intitulado “História da Psicologia na formação em Psicologia: Contribuições da Historiografia da Psicologia do século XVIII” ministrado pelo professor Dr. Thiago Constâncio Ribeiro Pereira da Universidade Federal Fluminense (UFF). O curso chamou a atenção pela grande organização com que foi planejado, assim como pela abundância de referências bibliográficas que foram apresentadas. A primeira parte do curso foi destinada à apresentação das principais discussões feitas dentro do campo da História da Psicologia, tais como: o problema da reconstrução do passado, a partir da discussão acerca do presentismo; a distinção entre História das Ciências e Filosofia das Ciências e as relações de dependência e independência entre estas áreas; a importância da História da disciplina para as diferentes disciplinas; o problema do início do saber psicológico; o problema do progresso científico na Psicologia; as abordagens internalistas e externalistas da História da Psicologia; as questões políticas políticas implicadas na História da Psicologia; as discussões em torna da “Velha História da Psicologia” e a “Nova História da Psicologia”; dentre outras questões. A segunda parte do minicurso foi destinado ao aprofundamento de uma questão específica da historiografia da Psicolgia do século XVIII à luz de todas as discussões que foram apresentadas na primeira parte. Foi apresentada a concepção dominante da Psicologia no século XVIII: não havia Psicologia Científica no século XVIII, mas apenas discussões filosóficas, até

o advento dos métodos fisiológicos do Século XIX; havia Psicologia Empírica, mas ingênua e não-experimental. Posteriormente, foi apresentada com boa profundidade a teoria Wolffiana da Psicologia, sendo apresentado também - com um bom nível de detalhamento e a partir de exemplos - as diferentes metodologias utilizadas por Wolff para se obter conhecimento sobre a alma, ou seja, para fazer Psicologia: a Psicologia Racional e a Psicologia Empírica. Também foram apresentadas questões históricas sobre a vida de Wolff, que foram consideradas como importantes para a compreensão de sua trajetória intelectual. Foi exposta a influência de Wolff sobre o filósofo Immanuel Kant e também as críticas que este fez às Psicologias de Wolff. Caminhando para a conclusão, foi questionada a "História Oficial da Psicologia" quanto à sua desconsideração da Psicologia de Wolff; argumentou-se que tal perspectiva teria desconsiderado a Psicologia já presente no século XVIII como uma forma de legitimar a Psicologia Científica, que nasceu no quarto final do século XIX muito mais afinada com a Fisiologia do século XIX do que com a Filosofia do século XVIII. A proposição final foi que o estudo da historiografia da Psicologia do século XVIII pode ser de grande ajuda para uma nova historiografia da Psicologia que divirja em certos pontos da "História Oficial" e que talvez seja mais bem instrumentalizada para dar conta da explicação das crises pelas quais passou a Psicologia durante sua História.

Das mesas redondas realizadas, merece destaque a intitulada "Experiência, Sentido e Os Saberes Sobre O Psíquico", que contou com a apresentação de três trabalhos de três pesquisadores diferentes. O professor Dr. Camilo Barbosa Venturi da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) fez uma exposição detalhada das diferentes concepções sobre "O lugar da noção de valor na pesquisa psicopatológica."; para isso, trouxe as diferentes compreensões sobre o tema de autores atuais e contemporâneos do campo das Ciências Humanas - e principalmente da Filosofia. O Dr. Gustavo Cruz Ferraz da Universidade Federal Fluminense (UFF) apresentou seu trabalho sobre a questão da atenção intitulado "Da Economia à Ecologia: A atenção entre a performance e a experiência", no qual apresentou duas concepções diferentes acerca da atenção: uma baseada na metáfora econômica do "investir ou colocar a atenção em algo" e outra baseada em uma compreensão menos dualista, considerando a atenção como sendo um processo sempre presente, visto que é inerente ao contato do ser-vivo com o seu meio; após fazer referência às reflexões de Jonathan Crary para ajudar na discussão do tema, o autor buscou caminhos de problematizar essa metáfora econômica da atenção e buscar uma concepção mais ecológica da mesma.

O evento, como um todo, se mostrou como sendo muito produtivo e muito organizado. A possibilidade de poder entrar em contato com conhecimentos proveniente de diversas localidades e de poder realizar trocas a partir destes é sempre muito interessante, e a presença de vários pesquisadores internacionais amplifica muito esse fator. A existência e a continuidade de eventos que possibilitam essa integração e interação com pesquisadores que possuem perspectivas diferentes é sem dúvida de imensa importância para o desenvolvimento da História da Psicologia enquanto área de conhecimento e é importante que nós, pesquisadores da área, estejamos sempre de braços abertos e contribuamos para que novas realizações desse tipo venham a acontecer no futuro.

Dez 2018

POR UMA TAXONOMIA DOS CONGRESSOS

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

Uma grande amiga e parceira de trabalho Virgínia Kastrup constantemente punha em questão o sentido e o valor dos congressos. Citando Deleuze, ela afirmava que as viagens interrompem os devires. O comentário pode ser pertinente referente a muitos tipos de viagem e, especialmente, a muitos congressos. Mas, se todo deslocamento imobilizasse os devires, os trabalhos mais finos da etnografia, por exemplo, seriam impossíveis.

Eu defendo que alguns congressos são excelentes ocasiões de produção de conhecimentos, redes de pesquisa, problematizações de instituições, além de pequenas reviravoltas e, mesmo supostas revoluções (lembremos do congresso de Bauru do II MTSM em 1987). Para entender de maneira mais refinada, seria importante produzir toda uma taxonomia complexa dos congressos, considerando vários aspectos como dimensão (gigantescos, médios, pequenos e esotéricos[1]), estilos (tradicionais ou inovadores) e localização (os urbanos, os turísticos e os inaccessíveis). Talvez outras dimensões como complexidade, hospitalidade, e mesmo, aspecto estratégico, podem ser considerados.

Toda esta introdução tem como sentido apresentar 4 congressos de escala de pequena a média, a maioria de aspectos algo tradicionais (mas nem por isso menos surpreendentes em alguns aspectos), localizados em cidades não necessariamente centrais (embora de grande importância histórica), e de aspecto enormemente estratégico e produtores de hospitalidade.

O primeiro congresso a ser mencionado é o da Divisão 26 (de História e Filosofia da Psicologia) da Associação de Psicologia Canadense, realizado entre os dias 18 e 20 na Cidade de Calgary em Alberta. Talvez tenha sido o mais inovador, por estar em suas primeiras edições, privilegiando o tempo mais flexível para as apresentações e discussões. A grande preocupação com os debates consistentes em torno dos trabalhos apresentados, assim como a variedade de temas (ultrapassando as abordagens históricas e trazendo discussões, por exemplo, sobre políticas públicas) credencia certamente este encontro a se posicionar como um dos mais originais e preocupados com o estabelecimento de novas conexões entre os pesquisadores. Certamente, a vinculação de alguns de seus organizadores com a ISTP ajudou na formatação mais original deste encontro. O seu organizador e anfitrião, James Cresswell deve ser destacado como figura de grande dinamismo, capacidade crítica e hospitalidade.

O segundo congresso destaca-se, contrário do anterior, por uma longa tradição, celebrada na sua 50ª edição. Trata-se do encontro da Sociedade Cheiron, que teve na sua edição de Akron (Ohio/EUA) entre os dias 21 e 24 de junho a ocasião de promover este encontro

[1] Há o caso de grandes congressos que trabalham com GTs específicos. Em alguns casos isto proporciona a experiência de um pequeno congresso mais frutífero.

comemorativo, de resto, paralelo à reinauguração do Museu de História da Psicologia, que junto ao centro de documentação de história desta universidade (Center for the History of Psychology), consagra-se como sendo um dos centros de pesquisa mais importantes de nossa área. O aspecto celebratório pôde ser ampliado pela presença brasileira no encontro, onde, não só a direção da SBHP se encontrava presente (o nosso vice-diretor Rodrigo Miranda era também diretor da Cheiron), como também pesquisadores como Cristiana Lhulier, Bruno Strapasson e Roberta Garcia. Esta presença não é casual, mas produto direto dos esforços diplomáticos do atual presidente da Cheiron David Robinson, que esteve em nosso 1º Congresso Brasileiro de história da psicologia, e proporcionou apoio financeiro e logístico ao grupo brasileiro (vejam carta em anexo). O peso da 50ª edição deste encontro pôde se aliar de modo articulado ao rigor da grande maior parte das apresentações, sem tirar inovação de alguns simpósios e mesas-redondas (como a mesa sobre a narrativa ou sobre feminismo e gênero), além de uma divertida oficina sobre trabalho com arquivos, coordenada por Lizette Barton. Ainda como destaque deste encontro tivemos a premiação do excelente livro *Histories of Human Engineering de* Marteen Drakster, um dos organizadores do próximo encontro a ser narrado.

Entre os dias 17 e 20 de julho em Groningen, tivemos o encontro anual da ESHHS (European Society for the History of Human Sciences) em sua 37a edição. Esta versão do encontro foi muito bem organizada pelo trio Marteen Drakster, Jannes Eshuis e Jeremy Burman, que proporcionaram excelente logística e boa distribuição de temas em sessões especiais como a discussão sobre o tema da narrativa e o painel sobre o campo de psicologia da saúde. Este encontro constantemente apresenta como marca o rigor e a diversidade temática, além de traze à cena trabalhos sobre cenários da história da psicologia não tão destacados em histórias mais voltadas para os grandes centros. Deste modo é possível conhecer trabalhos de história referidos a países como Japão, Portugal, Letônia, Finlândia, Sérvia, Hungria e a antiga União Soviética. Outro detalhe importante no encontro de Groningen foi a eleição para presidente da sociedade do jovem pesquisador Jannes Eshuis, organizador deste evento e com quem já pude partilhar trabalhos e apresentações.

Por fim, entre os dias 18 e 20 de outubro tivemos em Córdoba o 19o *Encontro Argentino de História da Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise*, precedido pelo *Encontro de Pesquisadores* (brilhantemente organizado por Fernando Ferrari). Temas variados como a história comparada, a problematização das figuras de pioneiros e a busca de epistemologias alternativas deram a tônica dos trabalhos. Digno de destaque foi o lançamento da tradução para espanhol de *Naming de Mind* de Kurt Danzinger com a presença por teleconferência de seu principal colaborador, Adriam Brock. Para coroar este encontro especial, tivemos no penúltimo dia a fundação

da Sociedade Argentina de História da Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria, na qual a direção da SBHP esteve presente e signatária do ato de criação.

De todos os congressos que ocorreram a partir do final do primeiro semestre, o único que não consegui acompanhar foi o conjunto entre as Sociedades Chilena e Peruana de História da Psicologia entre os dias 30 e 31 de novembro em Arica (Chile), a poucos dias do delicado 2º turno da eleição presidencial brasileira. Destaque referente aos 4 congressos mencionados é que todos eles valem ser acompanhados em suas edições de 2019. Pela dimensão propícia ao diálogo e a produção de rede, e principalmente pelo caráter consistente e crítico de uma boa parcela dos trabalhos. De todos, somente o de História e Filosofia da Psicologia no Canadá não possui previsão; seguem algumas indicações para os próximos eventos: 1) próximo encontro da Cheiron será em meados de junho em Edmonton no Canadá; 2) o sequente encontro da ESHHS será no início de julho em Budapeste; e 3) o seguinte encontro da Sociedade Argentina será em meados de outubro em San Luís. Fica o convite para a participação nestes encontros pequenos, críticos, consistentes, e, mesmo que em alguns casos usem formatos tradicionais de organização, apresentam todos eles grande índice de rigor crítico nos trabalhos e generosa hospitalidade. Partilhemos de outros modos de fazer história.

Dez 2018

XIII ENCONTRO CLIO PSYCHÉ: LA HISTORIA CONTINÚA ...

MIGUEL GALLEGOS

Del 7 al 9 de noviembre del corriente año se desarrolló el XIII Encontro Cio Psyché, en la Universidade do Estado de Rio de Janeiro (UERJ). La organización de este evento, también fue el marco propicio para dar continuidad a las actividades de la Sociedad Brasilera de Historia de la Psicología, de reciente constitución. De hecho, la propuesta de dicha sociedad no sólo radica en acompañar y potenciar los diversos eventos de historia de la psicología que se celebran en el país, sino además propiciar las instancias necesarias para favorecer una mayor cooperación e intercambio entre los miembros del área de especialización a través de pesquisas, organización de archivos, publicación de revistas, compilación de libros, etc.

Como siempre, la coordinación del Encuentro Clio estuvo a cargo de Ana Maria Jacó Vilela y el gran equipo de trabajo que se nuclea alrededor del Laboratório de História e Memória da Psicologia, perteneciente al Instituto de Psicología de la UERJ. En esta oportunidad, el lema de convocatoria fue "Resistências: Ciência e Política na História da Psicologia". Nunca tan oportuno un lema que invoca a la "resistencia", en tiempos donde nuestro hermano país se encuentra atravesando un clima político muy incierto. Desde luego, esa incertidumbre tuvo su expresión en los discursos de apertura del encuentro, pues allí se encontraron autoridades de la universidad anfitriona y varios representantes de sociedades de historia de la psicología.

En su estructura organizativa, el evento contó con todas las instancias necesarias para generar los espacios de discusión e intercambio de ideas entre los expositores y asistentes. Así se desarrollaron varias actividades pre-congreso como los mini-cursos temáticos: "Pesquisa em bases de dados"; "Análise do Discurso"; "Psicologia e História: fontes"; "História Oral"; "Elementos marxistas para uma análise de conjuntura para a psicologia". Como es visible, estos espacios giraron en torno de cuestiones técnico-metodológicas y teórico-conceptuales, que siempre vienen muy bien a la hora de pensar las estrategias investigativas en el campo de la historia de la psicología.

La conferencia de apertura estuvo a cargo de Fernando Lacerda Jr. con su propuesta: "A história da psicologia e golpes na América Latina: considerações sobre a atualidade da Psicologia na Libertação". La misma invitó a pensar en las correlaciones entre la historia de la psicología y los golpes antidemocráticos en América Latina desde la perspectiva de la psicología de la liberación propulsada por Ignacio Martín Baró (1942-1989). Además del tema específico propuesto por el expositor, la discusión también posibilitó interrogar la vigencia de los planteos y fundamentos de la psicología de la liberación, la difusión de la obra de Martín Baró, tanto en español como en portugués, y las implicancias prácticas que una propuesta como la referida podría tener en el presente para el campo de la psicología en la región.

A continuación de la conferencia se expuso un film-documental “No intenso agora” del director brasileño João Moreira Salles. El mismo se basa en la recuperación de diversos archivos fílmicos, algunos de personas anónimas y otros de difusión más pública. Los recortes visuales se ubican temporalmente a fines de la década de 1960, en particular giran alrededor del mayo francés del 68, pero también se articulan con otros registros de la época recuperados de Brasil, China, Praga, etc. Es una reconstrucción que apuntar a dar una mirada retrospectiva sobre ese tiempo, su generación, el cambio cultural, y la forma de vivir, pensar y sentir en un determinado tiempo histórico, todo ello atravesado por una perspectiva muy personal del editor. A pesar de la extensión del documental, de más de dos horas, los asistentes se mantuvieron en la sala, con lo cual, podría decirse que fue una corroboración de lo atrapante de la historia y la inquietante narración vertida en el film. Para los historiadores de lo “psi” que estaban presentes, la proyección del film podría servir como fuente de inspiración para aventurar diversas producciones, tomando como modelo el proceder metodológico volcado en el documental.

Durante los días siguientes, 8 y 9 de noviembre, las actividades se concentraron en los diversos grupos de trabajo y los simposios previamente estipulados. Por supuesto también se lazaron varias publicaciones y además hubo tiempo para escuchar algunos “Testimonios” personales. La Sociedad Brasilera de Historia de la Psicología tuvo su espacio específico con una mesa institucional referida a “Como fazer história da psicologia”. En ella, diversos expositores se adentraron en las cuestiones específicas que atañen a la investigación en historia de la psicología, ya sea en el plano teórico como en el metodológico, incorporando una visión sobre la búsqueda de documentación en los archivos y la manipulación de las fuentes.

Los simposios propuestos giraron en torno de los siguientes temas: “Violência política e Psicologia: história, colonialismo e contemporaneidade”; “40 anos da Lei Basaglia”; “Políticas identitárias e democracia”; “Do Hospício de Pedro II ao Hospício Nacional de Alienados: 100 anos de histórias (1841-1944)”. Tales mesas fueron actividades centrales y contaron con la participación de especialistas procedentes de diversas instituciones de Argentina, Brasil y Colombia. Precisamente uno de los rasgos más característicos de los Encuentros Clio es la creciente y frecuente participación de investigadores de otros países de Iberoamérica, lo cual ratifica la importancia que ha ido adquiriendo la organización de estos conclaves en el Brasil.

Los términos que se plasmaron en la convocatoria sirvieron para organizar los grupos de trabajo, donde se concentraron las diversas propuestas recibidas: GT 1: Resistencia; GT 2: Ciencia; GT 3: Política. En estas mesas de trabajo se puede tomar contacto con las pesquisas que se vienen desarrollando en los diferentes grupos de investigación, así como las diversas tesis de grado y posgrado que se están ejecutando. La aparición de estos grupos de trabajo, con

la coordinación de dos o tres pesquisidores, fue la apuesta por una nueva modalidad de intercambio habilitado por el encuentro, la cual vino a reemplazar el antiguo esquema de las sesiones coordinadas.

El primer grupo contó con la inclusión de 17 trabajos y fue el marco propicio para poner en tensión cómo la historia de las instituciones, prácticas y saberes psicológicos no pueden pensarse por fuera de los diversos temas y problemas sociales de Brasil y América Latina. Si bien el desarrollo de la psicología durante el siglo XX puede ser visualizada como un progresivo afianzamiento en términos disciplinarios y profesionales, también por contrapartida, el contexto sociocultural de las sociedades latinoamericanas le ha impreso unas características distintivas que la separan de otros contextos. Desde esta óptica, se vuelve necesario el intento de habilitar visiones retrospectivas menos colonialistas y más dispuestas a deconstruir ciertas historias naturalizadas. En ese marco, las historias presentadas abordaron diferentes temas como la cuestión de las religiones en el contexto colonial, el museo como expresión política, las concepciones teóricas y prácticas sobre el suicidio, la punición, la política, la familia, la infancia y la sexualidad, los autores censurados en las dictaduras militares, y las prácticas de resistencia de las mujeres, del movimiento LGTB, de las poblaciones negras, de la música popular y de los hospicios psiquiátricos.

El segundo grupo estuvo conformado por 27 trabajos destinados a interrogar el contexto de producción de los diferentes saberes psicológicos y su materialización por medio de múltiples prácticas “psi”. Una mirada ingenua puede caer en la cuenta de que las teorías (o paradigmas) son el resultado de una verdad autoevidente, generadas por la simple marcha de la investigación y la producción de conocimientos, sin mayor cuestionamiento de sus contextos de producción y sus eventuales proyecciones sobre el mundo de lo humano. Sin embargo, una mirada más atenta sabe detectar que aquellas son el producto de consensos y negociaciones sobre los objetos, los problemas y la realidad que intentan objetivizar, y por tanto se hace ineludible una interrogación sobre los modos de producción, la posición de los actores en las redes de poder y fundamentalmente los enunciados de verdad que transportan los saberes generados. En esta senda se expusieron trabajos orientados a cuestionar el saber técnico proyectado sobre diferentes objetos como el racismo, los pobres, los locos, la salud mental, la infancia, la educación, la conducta, el crimen, la delincuencia, la sexualidad y el catolicismo. También hubo espacio para discutir el rol de los “saberes psi” en el campo de las instituciones mentales, el ejército, la aeronáutica, las revistas científicas, el psicoanálisis, la psiquiatría, el arte, la literatura, la formación de psicólogos, los manuales diagnósticos, los archivos históricos y los tests psicológicos.

En el tercer eje se plasmaron 18 trabajos orientados a proporcionar una mirada histórica sobre las relaciones entre la psicología, la sociedad y las políticas públicas, fundamentalmente en las áreas del trabajo, la salud y la educación. Se entiende que la psicología no es meramente una proyección teórica sobre diferentes objetos y problemas sociales, sino además, tiene un carácter político que la constituye, la atraviesa y la condiciona en sus diversas expresiones. De este modo, los trabajos expuestos indagaron en las conexiones establecidas entre la higiene y la eugenesia, la psicología crítica en contextos de democracia popular, en la restitución de las tierras a los pueblos originarios, en el marco de las dictaduras militares, en las intervenciones manicomiales, en el terreno de la salud mental, en la formación de psicólogos, en los discursos jurídicos, en el condiciomiento subversivo, en la emancipación humana, en la psicología escolar, y en la concepción del panóptico foucaultiano, entre otros temas.

En su conjunto, se trató de un evento rico en propuestas y abordajes historiográficos, con presentación de diversos temas, objetos y problemas históricos del "campo psi". Deseamos que esta breve descripción motive a los lectores e interesados por las cuestiones históricas a revisar los respectivos anales donde se encuentran más extensamente los resúmenes de las presentaciones*. Por último, es importante señalar que asistimos a un encuentro más, el número 13, para bien o para mal, un encuentro de producción en un momento de resistencia frente ciertas políticas que atentan contra los derechos conquistados en Brasil y América Latina. La historia suele ser un buen antídoto ante la desmemoria y un recurso ideal para facilitar los mecanismos de prevención frente al olvido. En estos tiempos de resistencia, una buena dosis de historia puede ayudarnos a transitar los momentos de incertidumbre. Por tanto, todavía existe una historia por narrar, y en consecuencia, la historia continúa en el próximo Clio Psyché…

* Para todos los interesados en hojear el contenido del encuentro, se recomienda visitar el sitio web de la organización y acceder a los respectivos anales en el siguiente link: https://encontrocliopsyche.wixsite.com/xiiicliopsyche

Dez 2018

UM “PESQUISADOR DE EPISÓDIOS PASSADOS DA PSICOLOGIA NO BRASIL”: ENTREVISTA COM ROGÉRIO CENTOFANTI

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA

APRESENTAÇÃO

No último Encontro Clio-Psyché, ocorrido em novembro de 2018 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, alguns membros da Diretoria da Sociedade decidiram por abordar o professor Rogério Centofanti de modo a nos conceder uma entrevista. Especialmente conhecido por seu texto "Radecki e a Psicologia no Brasil", publicado na Revista "Psicologia, Ciência e Profissão" em 1982, Centofanti nos honra com uma entrevista muito especial, realizada com o apoio do Prof. Hugo Rosa, da mestranda Letícia Canuto e do graduando Marcus Gama. Considerando-se um *outsider* no campo da História da Psicologia, é até hoje um marco pela profundidade e qualidade de seu trabalho sobre o polonês Waclaw Radecki, que figura também numa antologia de Primeiros Ensaios da História da Psicologia no Brasil, publicada em 2004 pela professora Mitsuko Antunes. Rogério se define como um "pesquisador de episódios passados", alcunha tão interessante quanto sua entrevista, que agora convidamos o leitor a apreciar, na esperança que gostem dela tanto quanto nós tivemos gosto em realizar.

1. Você está há mais de 3 décadas publicando em história da psicologia e, diferentemente da esmagadora maioria dos pesquisadores da área, sua trajetória foi diferente. Isso é interessante e desperta atenção. Por que resolveu dedicar seus esforços de pesquisa à história dos laboratórios e dos personagens envolvidos nessas instituições, Rogerio?

   Não sou e nunca fui pesquisador por profissão. Nunca exerci essa atividade de forma sistemática e regular. Fui professor de Psicologia e minhas poucas pesquisas tiveram por motivo curiosidade pessoal, talvez vaidade. Nunca contei com outro tipo de retribuição que não fosse a amizade de alguns pesquisadores pelos quais aprendi a ter apreço. Sou um *outsider*, talvez de onde vocês dizerem que tenho trajetória diferente dos demais. Me dedico a laboratórios pelo fato de, no passado, ter sido professor em departamento de Psicologia Geral, Experimental e Métodos. Lidava com laboratórios e, em Psicologia Geral, vez ou outra, com História da Psicologia. Como laboratórios sem pessoas são apenas aparelhos e instrumentos, falar deles sem personagens seria o mesmo que, simplesmente, fazer um inventário.

2. Você disse no Clio-Psyché de 2018 que não se considera um "historiador da psicologia", mas algo como "um estudioso de elementos que interessam à história da psicologia". Ainda assim gostaria de lhe perguntar: o que significa a história e ser historiador pra você?

   Eu me defino como pesquisador de episódios passados da Psicologia no Brasil, de interesse para a História e Memória da Psicologia no Brasil, quando esses termos são empregados com letras maiúsculas, pois designam saberes

muito bem definidos com respectivos objetos, métodos, etc. Não tenho formação em História nem em Memória. Pesquisador eu sou. Faço história e memória com letras minúsculas, quase no sentido intuitivo da expressão, tal como empregado pela imensa maioria das pessoas, e com base no bom senso. Sou pesquisador, construtor de histórias, contador de casos, e não teórico de História e Memória. Quanto à Psicologia, com "p" maiúsculo, creio que meus conhecimentos são bem razoáveis. Aliás, foi a observação de ingresso de não psicólogos nesse caprichoso campo chamado História da Psicologia que me deixou cauteloso com o emprego do título. Assim entendendo, não há importância no significado de história e de historiador para mim, pois não tenho pretensões nessa direção.

3. Há algum autor ou escola de pensamento em específico que tenha inspirado seu trabalho ao longo desses anos? Ou você diria que seu trabalho foi criado independente de linhas gerais?

Se por autor ou escola de pensamento vocês estão se referindo à inspiração de historiadores ou memorialistas, devo dividir minha resposta em dois momentos. À época de *Radecki e a Psicologia no Brasil* nenhuma inspiração. Bom senso e rigor com fontes, da tradição vinda da Psicologia Experimental. Me contaram, mais tarde, que eu havia feito emprego de técnica de História Oral. Não havia nada disso naquele tempo. Aquele trabalho foi completamente independente. Em dias atuais, da publicação do *Livro dos Cem Anos do Laboratório de Psicologia Experimental da Escola Normal Secundária de São Paulo*, eu diria que há outra concepção. A participação de Maristela Bleggi Tomasini, mestre em Memória Social e doutora em História Social, não apenas trouxe reflexos de escolas de pensamento, como aproximou a narrativa da literatura, mantendo o mesmo rigor das fontes, sua primariedade, mas se afastando daquilo em que os chamados historiadores da Psicologia insistem em perseverar: na crença de que se faz História da Ciência com modelo de ciência empírica. As produções ficam, em maior ou menor grau, permeadas por pressupostos de objetividade e de neutralidade que me parecem incompatíveis com o discurso histórico. Gosto daquele livro, e creio que levará alguns anos para que seja digerido em sua forma "diferente", digamos assim, de se apresentar.

4. Como você percebe o campo da história da psicologia hoje e que pontos você destacaria em relação à quando você começou a se interessar?

Campo. Essa é a diferença maior. Eu tinha interesse em satisfazer minha própria curiosidade, e não em criar campo. Creio que antes de mim se pensava apenas em registrar. Me parece assim com Plínio Olinto em 1944, Annita de Castilho e Marcondes Cabral em 1950, Lourenço Filho em 1955 e 1969, Isaias Pessotti em 1975 e 1988, Samuel Pfromm Neto em 1981 e outros no mesmo período. Havia muita cautela com o emprego da palavra História. Pretendia-se pontuar episódios e, no caso da pioneiríssima Annita de Castilho, sugerir categorias para posterior entendimento dos rumos da Psicologia no Brasil. Afinal, como ela mesma dizia, a história da Psicologia no Brasil, "propriamente", estava por se fazer. Meu texto de 1980, publicado em 1982, teve início em informação superficial sobre a existência de Radecki e do laboratório da Colônia de Psicopatas, obtida no clássico de Annita Cabral. Eram todos panorâmicos. Ao que sei, fui, no período, um dos primeiros a verticalizar. Quando apresentei o texto ainda não publicado para Dra. Annita, ela fez duas observações: não imaginou que houvesse tanto o que dizer sobre Radecki e o laboratório, e que eu havia me apaixonado pela estátua que havia descoberto. De fato! Com referência à condição dessa atividade, agora vertida em campo, tenho observado mais esforços nas tentativas de arquitetura teórica, metodológica e conceitual, do que propriamente de pesquisa factual. Prova disso é que bom número dos "pontos" indicados como pistas pelos pioneiros ainda não foram nem mesmo colocados sob o foco de pesquisadores. Apesar dessas lacunas, que considero primitivas quando se fala em História da Psicologia no Brasil agora, como campo, não tem sido difícil encontrar os que, na moda, se denominam "desconstrutores críticos", sem as devidas construções correspondentes. Há quem se arvore na condição de filósofo da história, sem antes se dedicar ao conhecimento maior da própria História e mesmo da Psicologia Nessa medida os pioneiros eram mais produtivos e, ao mesmo tempo, mais humildes diante da consciência de seu ingresso em assuntos que não lhes eram íntimos.

5. Em 1982, você publicou um artigo histórico usando diversas fontes documentais: livros, artigos, jornais e uma entrevista com Jayme Grabois. Como você conseguiu articulá-los?

Prefiro ver *Radecki e a Psicologia no Brasil* como crônica e lamento hoje não ter feito emprego ainda maior do que denomino de liberdade literária. É uma história bonita, e merecia ser contada assim. Eu poderia ter me permitido ser mais livre diante da passionalidade que ela sugere. Radecki entra como personagem negativo já em 1944, por Plínio Olinto, em crítica ao *discriminacionismo afetivo*, antes mesmo que alguém tivesse a menor ideia do que isso quisesse dizer. A "desconstrução" se fez presente em muitos outros que sobre ele escreveram. Jayme Grabois foi essencial para a realização daquele meu

trabalho. Afinal, foi ele um dos últimos e mais jovens assistentes de Radecki, o que por si só não diria muita coisa, caso não fosse ele perspicaz e comprometido com uma história que também era a dele. Contei também com ajuda de Antônio Gomes Penna, que havia sido assistente de Nilson Campos e de Eliezer Schneider. As memórias vivas dessas pessoas deram oportunidade para uma maiêutica, uma dialogicidade entre o então jovem pesquisador e a vivência transferida pelos entrevistados. Eu não teria conseguido estabelecer certo grau de compreensão acerca de Radecki, não fossem as informações afetivas de Grabois. Ele me permitiu "conhecer" Radecki. O restante são fontes, que sugerem novas fontes, muito trabalho de pesquisa e de construção da história. Uma articulação sobre as informações obtidas nessas diversas fontes e por elas induzida até a formação de um enredo aparentemente aceitável, razoável, passível de conteúdos de "realidade" e de "verdade", embora tais palavras se mostrem temerárias. Ingredientes? Curiosidade, bom senso, empenho e honestidade de propósitos, além, é claro, de honestidade intelectual.

6. Hoje em dia, a maior parte dos tipos de arquivos que você consultou estão mais fáceis de serem encontrados (existem bibliotecas melhores e com catálogos online; plataformas digitais inteiras organizam diversos periódicos; projetos como a Hemeroteca Digital da BN salvaram muitos jornais). Qual a sua percepção dos novos modos de se obter fontes? Você diria que se tornou mais fácil fazer história pela facilidade de acesso à documentação?

   Essas tecnologias certamente facilitam a pesquisa no que diz respeito ao acesso a informações. Até mesmo minha crônica de 1982 fica passível de revisão informativa por meio de consulta atual às hemerotecas. Eu e Maristela fizemos uso intensivo desses recursos em nossa publicação de 2014 sobre o laboratório de Pizzoli. Porém, eu não diria que pesquisar ficou mais fácil por conta disso. Para quem não sabe o que está investigando, não tem o que denomino de erudição temática, a quantidade de informações serve mais para confundir do que para esclarecer. Da mesma forma que tomo a liberdade de alertar para o risco dos mitos da neutralidade, da objetividade e do método, o faço também com o do mito do recurso. Fundamental, em pesquisa, é a procura por fontes primárias. Como obtê-las não tem relevância.

7. Os primeiros laboratórios de psicologia no Brasil ainda são um desafio de pesquisa. Você arriscaria um palpite sobre o que se produziu neles ou que atividades eram ali desenvolvidas?

Como me interesso por laboratórios de Psicologia até o início dos anos 30, digo que a pesquisa deles fica dificultada pela distância no tempo, mas isso se mostra verdadeiro para qualquer tipo de pesquisa: quanto mais longe, mais difícil. Vários deles foram apontados até 1944 por Plínio Olinto, mas creio que alguns estão ainda à espera de pesquisadores. Os mais conhecidos são os de Manuel Bomfim de 1906, de Ugo Pizzoli de 1914 e de Waclaw Radecki de 1924. Os dois últimos foram razoavelmente pesquisados, mas, como tudo mais, sempre à espera de novas revelações. Os de Bomfim e Pizzoli visaram introduzir a então chamada Psicologia Experimental no âmbito das escolas normais, com a finalidade de dotar normalistas de formação científica, no desejo de se edificar uma Pedagogia Científica, isto é, de transformar a Pedagogia em ciência com base nas demais ciências empíricas. Tratava-se, portanto, de convencer professores de que a Psicologia não era "ciência da alma", como propugnada pelas escolas confessionais, mas uma ciência natural. Como pouco sei sobre o laboratório de Bomfim, deduzo que assim tenha sido, pois tomo por base o que com ele se fez no laboratório de Pizzoli. Neste caso, aparelhos e instrumentos do laboratório serviram para avaliar e desenvolver os sentidos, na perspectiva do chamado ensino intuitivo. Aparelhos e instrumentos foram, portanto, precursores dos "testes". O de Radecki tinha outra orientação. Não foi instalado em ambiente escolar, mas hospitalar, igualmente com desejo de uso para diagnóstico e prognóstico por seus adquirentes, embora Radecki tivesse com ele desejo de formar psicólogos e psicologistas brasileiros, como ocorreu, por pouco tempo, porém, em 1932. A dificuldade da pesquisa, portanto, passa não apenas pela dificuldade do encontro de fontes, mas pela compreensão do que a própria Psicologia representava naquela época como promessa de saber e fazer. Grosso modo, porém, laboratório era sinônimo de medida, mais tarde substituído pela onda dos testes.